

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e impressão
 RUA LUIZ SORIANO, 44
 TELEFONES — 2 9271, 2 9272 e 2 9273

AMIGOS

Chegou hoje de manhã ao Tejo uma esquadra francesa de que fazem parte algumas unidades poderosas. Segundo a velha tradição de que em Portugal a hospitalidade só tem os limites da simpatia, nós abrimos braços francamente a quem nos visita, trazendo palavras de verdade e sinceridade.

Onde estão os nossos inimigos?

Não é fácil dizê-lo, visto que nós procedemos de maneira a não criar nem invejas disfarçadas nem hostilidades confessas. Quem entra no Tejo conquista Lisboa, se traz consigo o segredo de falar ao coração sem preocupar-se nem com discursos nem com gestos teatrais.

A casa portuguesa é suficientemente larga para conter todas as gentes honradas.

Sejam bem vindos os marinheiros da França!

Nós somos tais aliados da Inglaterra que nunca faltámos aos deveres sagrados da aliança, posto que ela dure ha mais de cinco seculos. As relações que nos prendem á França originaram-se principalmente no seu papel de nação latina que se impôs á admiração dos povos por um conjunto de dons e qualidades que fizeram dela a mestra e a educadora da sensibilidade e da intelligencia.

Outras nações merecem a nossa estima pelo seu genio criador e pela força serena e persuasiva do seu espirito, mas nenhuma atingiu a plenitude e o equilibrio das faculdades que se exercem na construção do homem a quem o cristianismo deu o verbo e a razão a forma pulcra.

Paris não tem rival no mundo, por ser a capital das capitais, o lume vivo que arde além e aquém das quimeras.

Debalde os puritanos a fulminam com os seus anatemas, com a triste incompreensão das suas virtudes rígidas e trovejantes, na loucura de enterrar um corpo de deusa nas ruínas da Acrópole.

Paris, que ergue a França a uma altura em que os continentes a vêem, amando-a como se ama uma obra de arte, faz até certo ponto parte do patrimonio da humanidade. Dos seus erros, dos seus defeitos, dos seus loucos arrebatamentos e também dos seus dourados vícios pode pensar-se o que, outrora se dizia de Atenas, quando Pericles sabiamente a governava:

—Cidade onde até os excessos e o poder nos ensinam a venerar a lei e o dever...

Nós não desconhecemos que existem Roma, Londres, Berlim, Madrid e Nova York, mas o encanto de Paris reveste-se dum caracter tão humano e irresistível que só o barbaro, com o seu diabolico furor, ficará insensível á persuasão do luminoso magisterio. A França fala á terra através da sua cidade maravilhosa onde se ouvem todas as linguas, mas só uma se entende como expressão universal—a sua propria.

A esquadra do comando do almirante Gensoul, ancorada no Tejo, é digna das nossas cordeais saudações, porque com ela vem esse «ar de França» que respiramos como amigos.

MARINHA

Das cousas grandes, quasi inconcebíveis, que os nossos avós fizeram, a descoberta do Brasil é uma das mais notáveis, na historia da humanidade. A marinha portuguesa notabilizou-se, descobrindo homens em toda a terra e terra para todos os homens.

Não ha outra que a iguale sob este ponto de vista, porque não foi roubar nem escravizar, mas simplesmente estabelecer as rotas que ligam os continentes e aproximam as raças. As feias ambições e as negras cubições vieram depois...

O Brasil nasceu da inspiração lusiada, crescendo e prosperando com o sangue e a alma do descobridor. E' já hoje uma vasta nação que figurará amanhã entre as mais brilhantes e ricas. O ritmo do seu crescimento alarga-se e movimenta-se febrilmente. O esforço de Portugal centuplica-se na obra das gerações brasileiras que se medem com os problemas que a imensa natureza lhes propõe.

Quem vencerá — a selva ou o homem?

As nossas gentes de mar, ao mesmo tempo destemidas e prudentes, puderam conferir ao Brasil o privilegio unico de surgir dum acto de coragem em que o heroismo foi um valor da propria humildade cristã. Os companheiros de Pedro Alvares Cabral tiveram a felicidade de pousar os seus olhos europeus sobre um mundo novissimo em que o convívio humano se limitava a tribus alheadas de outros interesses que não estivessem á luz primitiva dos sentidos.

A civilização latina desembarcou, fixando-se no solo onde as cidades iam erguer-se como estrelas na extensão das nebulosas.

Nesse dia, a India, que era uma doença da mocidade ambiciosa, appareceu numa réplica saudavel, sob um diluvio de luz.

A Asia e a America disseram aos nossos marinheiros:

— Escolhei entre nós qual vos agrada mais!

A Asia era uma terra que se escapava, na sedução maravilhosa e morena das suas tentações. A America atraia como a Terra da Promissão: quantos frutos a colher, quantos rios a transpôr, quantos misterios a desvendar!

Portugal marinheiro sentiu que a sua vocação tocara a sua meta — a largueza sem fim dum canto de epopeia que de horizonte em horizonte abraçava toda a esfera.

O ultimo descendente de Pedro Alvares Cabral



O grande navegador português que descobriu o Brasil está hoje representado por este jovem aluno do Colégio Militar, filho do actual conde de Castelo Melhor, que é o ultimo descendente varão de Pedro Alvares Cabral. Chama-se D. João Bram da Silveira de Vasconcelos e Sousa e é neto dos condes de Mafra.

FELICIDADE INFELIZ

O governo dos Estados Unidos chamou o aviador Lindbergh, que estava na Europa, a fim de ocupar um alto posto nos serviços de aviação. Partiu imediatamente.

Sua esposa embarcou poucos dias depois, no Champlain, com os seus filhos Jon e Land.

De Nova York até Nova Jersey, foram acompanhados por 100 policias.

Note-se isto: o percurso entre as duas cidades é feito em terreno civilizado — com largas estradas por onde correm rapidissimos carros e comboios. Por que tanta cautela?

A familia Lindbergh receia os tenebrosos manejos dos raptos de crianças. Teme pelos pequeninos Jon e Land. Por isso vive em ansias. Por outro lado, a policia americana sabe que os seus creditos sofreriam um grande reves, se por acaso viesse a ser acusada de negligencia.

A gloria do aviador Lindbergh não lhe garante a tranquillidade feliz do seu lar nem tão pouco o prazer de passar desconhecido entre as turbas que o admiram e o invejam.

UM MAUSOLEU

Dois medicos russos, professores da Universidade, foram condecorados pelo governo sovietico pela arte com que defendem da corrupção o cadaver de Lenin.

OS LOBOS

Na Serra do Suajo foram abatidos dois corpulentos lobos, que andavam fazendo carnificinas pelos arredores das povoações.

Os padres montanheseos têm fama de possuir pernas rijas, o que se compreende pelo treino advindo do exercicio da sua missão, em longas caminhadas, mal servidas de meios de transporte. Muitos são caçadores de certa pontaria. Foi um padre quem abateu o mais forte daqueles animais.

A povoação recebeu os lobos mortos como despojos de inimigo; as carcassas dissecadas serão expostas no Museu venatorio. Sob o plinto será colocada uma legenda que dirá pouco mais ou menos:

—Estes lobos desciam ao povoadão mais do que lhes era permitido pela condição do seu destino errante. Os homens os mataram, não por mal, mas para evitar o mal. Cães liais colaboraram nesta missão de paz, e a tranquillidade já assentou arraiais na nossa terra. Aviso ás raposas que vão ás uvas.

EXPOSIÇÃO

Inaugurou-se hoje, ás 15 horas, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição de aguarelas de José Dias Sanches de que se ocupará, porventura amanhã, o nosso critico.

NOVOS E VELHOS

Pedem-nos a publicação do que segue:

Sr. Director:—As duas conferencias que o sr. coronel Ressano Garcia fez na S. N. de Belas Artes tiveram o condão de levantar forte e nutrida discussão entre novos e velhos artistas. Ainda bem! Geralmente, em Portugal, como dizia Antero de Quental, nem os reaccionarios, nem os revolucionarios andam bem separados.

Ora eu acho que devemos trabalhar para que termine tal confusão. Os primeiros têm obrigação de defender o passado, os segundos o futuro. O sr. coronel Ressano Garcia, que já foi um novo, está no seu papel, declarando que não compreende a arte moderna. Fica-lhe bem bater-se por sua dama, a-pesar de ela estar um pouco como as marquesas que, depois da morte de Luiz XIV, perguntavam: —Versailles ainda tem sol?...

Os seus jovens adversarios, com o sangue em fogo ou a imaginação coruscante, afirmam resolutamente:

—Nós queremos qualquer coisa de inédito.

Deixemos-lhes liberdade para nos mostrarem que não são victimas de nenhuma ilusão. Como eles também caminham para a velhice—oxalá que venha o mais lentamente possivel!...—prevemos que um dia hão de reproduzir o gesto do sr. coronel Ressano Garcia. De v., etc.—Constante leitor.

Opiniões da Imprensa estrangeira

Sobre a situação internacional

O «Figaro» escreve:

«Quando se tratou de impedir um plebiscito livre que podia ser prejudicial, lançaram-se nalgumas horas diversos corpos de exercito sobre a Austria. Foi uma manifestação pacifica, quando se tratou de anexar a Boemia. Precipitou-se numa noite um exercito sobre Praga e isso constituiu ainda uma manifestação pacifica. Quando se tratou de transformar a Albania em provincia italiana, desembarcando-se numa bela Sexta-feira Santa um corpo expedicionario protegido pelo fogo da frota, isso continuou a representar uma manifestação pacifica. Se a Polonia, porém, tiver a infelicidade de declarar que não deixará atentar contra o unico pulmão por onde respira livremente sobre o mar—trata-se de intoleráveis provocações. Se a França e a Inglaterra indicam, por seu turno, que as violações de fronteiras—factos consumados—já duraram demais, põem a paz em perigo. Perante esta propaganda desavergonhada, os estados que não estão submetidos ao regime da «mentira dirigida» devem reagir e agir com força para fazer ouvir e penetrar por toda a parte a verdade. A verdade continua a ser a arma mais poderosa. Saibamos servir-nos dela».

«L'Epoque» diz:

«Nem a Inglaterra nem a Polonia querem a guerra. O discurso de Beck testemunha-lo-á depois de amanhã, mas a Polonia e a Inglaterra foram obrigadas a unir-se por um tratado formal para resistir à crescente ameaça alemã. A Polonia deve defender a fundo e até ao fim a trincheira de Dantzig. Deve defende-la para si, para a Inglaterra e para a França. Trata-se, sobretudo de dar a convicção de que se a França, a Inglaterra, a Polonia e a Russia aguentam e se mostram unidas, ha oito probabilidades sobre 10 para que a guerra não rebente, enquanto que ha 10 sobre 10 para que ela estoure na Europa se a coligação da paz mostrar a mais pequena fenda e der o mais pequeno sinal de fraqueza».

O «Petit Parisien» comenta:

«As impressões recolhidas nos países visitados do Reich ou protectorados alemães não variam duma capital para outra. A Polonia, a Romenia e a Yugo-Eslavia, todas as três ameaçadas, deram sem hesitar a palavra aos seus estados-maiores e, receando o pior, prepararam-se de coração resolute com igual vontade de resistencia. Estas reacções de defesa encontram nas opiniões publicas um eco profundo e aprovação sem reserva. Na Polonia e na Yugo-Eslavia o antigo odio do eslavo pelo alemão despertou com a virulencia original. Na Romenia o alemão é hoje, cordialmente, detestado. Não ha que duvidar que estes sentimentos sejam inteiramente partilhados pelos dirigentes. A vaga de germanofobia que arrebenta nas fronteiras do Reich não pode deixar subsistir duvidas sobre o que seria o mapa de guerra da Europa. Quanto mais a França e a Inglaterra se mostrarem resolutas na sua politica de salvação da Europa, menos será facil à Alemanha obter penhores e paralisar a união dos países ameaçados».

«O governo soviético propôs a triplíce aliança anglo-franco-russa destinada, em primeiro lugar, a assegurar a defesa de qualquer desses três países contra um ataque e, em segundo lugar, fazer frente a uma agressão dirigida contra qualquer dos estados da Europa oriental, desde o Golfo da Finlândia até ao Mar Negro. Este plano deixa em suspenso, de momento, a questão da acção mutua em caso de ataque contra qualquer dos pequenos países da Europa ocidental, cuja independencia é de interesse vital para a Grã-Bretanha e a França. O que o governo inglês deseja é uma declaração do governo soviético annunciando que a sua assistencia será dada a qualquer país do leste da Europa que a solicite e que receberá, em caso de ataque, o auxilio franco-inglês. Este metodo teria a vantagem de marcar a solidariedade dos três países perante os problemas do leste europeu».

O «Jour-Echo de Paris» afirma:

«Crê-se em certos meios londrinos que as conversações anglo-russas, não obstante os progressos registados no fim da semana passada, só terminarão cerca de 15 de maio quando Lord Halifax e Litvinov se encontrarem em Genebra. E' a U. R. S. S., que cabe a presidencia da proxima sessão da S. D. N. e não se duvida que Litvinov vá nessa ocasião a Genebra. Não se exclue a possibilidade da visita do commissario soviético a Paris e Londres».

O «Times» declara:

«A Polonia agiu até aqui com muita moderação perante as provocações alemãs, mas que ela não vê porque é que seriam sempre

os mesmos que teriam o privilegio de fazer propostas. Pede que se espere o discurso do coronel Beck para conhecer as propostas, que serão contra-propostas, e acrescenta: «Não ha que confundir as declarações um tanto violentas de certos jornais polacos com os pontos de vista expressos na officiosa «Gazeta Polska».

O «Daily Telegraph» observa:

«Depois da sorte que teve a Boemia e a Moravia, os polacos têm boas razões para perguntar se Hitler não pensa nas partilhas historicas de 1772 e 1795. A Polonia, baseando-se na historia, pode declarar que Dantzig lhe pertenceu sempre antes de 1795. Ela tem assim uma resposta a que Hitler, na sua propria dialectica, nada tem a replicar, mas os actuais factos são mais importantes que os argumentos historicos. Ora é certo que o Reich, uma vez que tenha o dominio de Dantzig, poderá estrangular toda a vida economica da Polonia. E' pois de importancia capital para a coesão e para a eficacia do sistema de defesa contra a agressão que nenhuma pressão se exerça sobre a Polonia que a leve a ceder direitos territoriais em Dantzig ou no Corredor. Se a Polonia não recebe o apoio sem reserva dos que acabam de subscrever a garantia a-fim-de defender os seus direitos e não falar com a Alemanha senão na base de absoluta igualdade, todo o sistema de segurança edificado depois do golpe contra a Checo será gravemente atingido. Tal é, certamente, aliás, a esperança de Hitler, que concentra por isso, neste momento, os seus ataques diplomaticos em Dantzig».

Sobre a Polonia

O «Berliner Boersen Zeitung» pergunta:

«Para onde vai a Polonia? Durante os ultimos anos mentiu-se já muito sobre a Alemanha. Mas até agora ninguém ousou declarar

que a Prussia Oriental é uma ameaça. A Imprensa polaca não quer confessar as causas verdadeiras da recusa da Polonia a aceitar as propostas alemãs e que é a sua ligação com as potencias occidentais. Ela lança-se no entanto num contra-ataque grotesco que deve esconder o seu embaraço. Varsovia e Londres fazem um jogo comum neste caso».

O «Frankfurter Zeitung» declara:

«Na Alemanha só se pode acolher com indignação e surpresa a pretensão da Polonia ao afirmar que Dantzig pertence ao espaço vital polaco. Os alemães sudetas, em particular, sentem dolorosamente a renuncia à Alsacia-Lorena, que o Fuehrer mais uma vez confirmou no seu discurso do Reichstag. Não se trata duma renuncia aceite por a recuperação daquele territorio se afigurar muito difficil ou até impossivel. A renuncia à Alsacia-Lorena verificou-se tendo em conta a reorganização geral da Europa. Foram as mesmas razões que levaram o Fuehrer a fazer a Polonia propostas já conhecidas. Estas duas grandes renuncias a oeste e a leste, constituem a base da politica alemã».

O «Kurjer Warszawski» diz:

«Vivemos numa época que se parece com a que a Polonia viveu ha muitos anos. A marcha dos germanos para leste recomeça. Nessa época afastada o unico país que conseguiu detê-los foi a Polonia».

Ha todavia uma diferença entre essa época historica e a actual: é que a Alemanha tem em sua volta uma Europa consciente que vê na Polonia um factor importante de paz. Se então a Alemanha não conseguiu os seus intuitos, hoje ainda os conseguirá menos, pois tem na sua frente uma Polonia ligada a outros estados, consciente da sua missão de defender a liberdade, o direito e a dignidade humana e cheia de uma inabalavel fé na vitoria duma causa justa».

A Exposição de Nova York



Ha três dias inaugurou-se em Nova York a Exposição Internacional, onde o nosso país está representado por um pequeno pavilhão que tem merecido as mais lisonjeiras referencias. Este documento fotografico foi transmitido nesse mesmo dia pela Radio de Nova York a Paris, e de Paris para Lisboa em avião. O presidente Roosevelt pronuncia o discurso inaugural, tendo à direita o governador Wahlen, commissario geral da exposição

A viuva de D. Manuel II casou-se na Alemanha



D. Augusta Victoria de Hohenzollern por ocasião do seu casamento com o rei D. Manuel

ESTOCOLMO, 3. — Informam de Berlim que, no castelo de Langenstein (Bade), se celebrou o casamento da princesa D. Augusta Victoria de Hohenzollern, viuva de D. Manuel II, de Portugal, com o conde Roberto Douglas, de nacionalidade sueca. — (Havas).

Semana da Tuberculose

O peditório em Lisboa

Na sede da A. N. T. tem continuado o apuramento da receita obtida no peditório geral feito em toda a cidade na segunda-feira passada, em favor dos tuberculosos pobres.

Prevê-se um resultado compensador do trabalho desenvolvido pelas senhoras que se dispuseram a tão humanitaria missão. Registraram-se, entre outros, os seguintes donativos:

Banco de Portugal, 5.000\$00; Companhia Carris de Ferro, 1.000\$00; D. Alice Gomes Heredia, 500\$00; Manuel Martins Gomes, 500\$00; Banco Borges & Irmão, 500\$00; Banco Foncecas, Santos & Viana, 500\$00; Banco Pinto & Sotto Mayor, 500\$00; jornal «O Seculo», 500\$00; Waldemar d'Orey, 500\$00; Companhia Geral de Combustiveis, 500\$00; Banco Lisboa & Açores, 1.000\$00; Banco Espirito Santo & Comercial de Lisboa, 500\$00, etc.

A «Feira no Rossio»

E' já amanhã e depois que se realiza no Rossio o mercado organizado pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos, com a colaboração desinteressada do comercio e industria. São numerosos e de certa valia os objectos oferecidos para a feira.

Além dos «stands» para venda de artigos e generos da maior variedade, de bebidas diversas e de lindas flores cedidas por entidades officiais e por particulares, venda que será efectuada por gentis senhoras da nossa sociedade, haverá duas interessantes notas a destacar: a baraca dos livros, oferecidos com dedicatorias por autores consagrados e vendidos por algumas das nossas escritoras e poetisas, e uma «tombola», já autorizada pelo sr. ministro do Interior, onde serão sorteados animais, louças, fantasias, etc., tudo por baixo preço.

Um «chá elegante»

Como dissemos, é na tarde de sabado, 6, que se realiza esta elegante festa mundana, na pastelaria Ferrari, em beneficio da A. N. T., por amavel anuencia do seu proprietario. Esta reunião está a despertar o maior entusiasmo, sendo já em numero elevado as mesas marcadas.

A «quêta» nas igrejas

A «Semana da Tuberculose» termina no domingo com uma «quêta» que será feita á porta de todos as igrejas pela comissão de beneficencia e propaganda da A. N. T. Esta nota oristã e caridosa ficará a fechar tão benemrita iniciativa da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

O jardineiro ia á festa e apanhou um banho

Esta manhã, quando se dirigia para Cacilhas, a-fim-de assistir, no Alentejo, á festa da Marinha, a bordo do vapor «Nacional», caiu ao rio o jardineiro Eugenio de Brito, de 28 anos e residente em S. Pedro de Sintra. O caso pôs em alvoroço os passageiros do barco, que viram em perigo o imprevidente passageiro. Num acto de abnegação, atirou-se á agua, de bordo da canhoneira «Limpopo», o segundo sargento condutor de maquinas, Martins, que conduziu o naufrago ao posto de socorros do Arsenal de Marinha, a bordo do escaler daquela unidade de guerra.

Após a guerra de Espanha

O generalíssimo assiste em Valencia a uma parada militar

VALENCIA, 3.—O generalíssimo Franco, que chegou a esta cidade, foi recebido pelas autoridades e dirigiu-se imediatamente para o palácio de Benicassat, em frente do qual se juntou grande multidão, que pedia que Franco assomasse à varanda.

O generalíssimo condescendeu com a vontade do povo e pronunciou algumas palavras.

Depois de exaltar a vitória dos exércitos nacionalistas, Franco concluiu: «Precisamos estar sempre vigilantes—é a ordem que recebemos dos nossos mortos—para podermos sempre gritar: Viva a Espanha!».

Durante o dia de ontem centenas de aviões aterraram no aerodromo de Valencia para participarem na revista. Também chegaram varios navios de guerra, entre os quais o «Canarias», ao porto de Valencia. Ontem à noite a cidade estava iluminada festivamente. De casa para casa viam-se grinaldas de lampadas electricas com as cores da bandeira espanhola. A multidão, entre a qual se viam numerosos oficiais, soldados e marinheiros, deu provas de grande entusiasmo e entregou-se a constantes aclamações. Entretanto, os operarios dão a ultima demão ás instalações das tribunas em volta da praça de Castelar, onde se celebrará uma missa ao ar livre e onde se realizará a parada militar.—(Havas).

A demissão de Sainz Rodriguez

MADRID, 3.—Os jornais publicam a noticia seca da demissão do ministro da instrução, Sainz Rodriguez, e reproduzem o decreto assinado por Franco anunciando que Rodriguez deixou de ser conselheiro da Falange Espanhola Tradicionalista.—(Havas).

Pétain visitará algumas cidades do sul

HENDAIA, 3.—Pétain tenciona visitar algumas cidades do sul de Espanha, entre elas Cadiz, Algeciras, Granada e Cordova.—(Havas).

Nos Pupilos do Exército

Festa de homenagem ao director coronel Tamagnini Barbosa

No Instituto dos Pupilos do Exército, realizou-se hoje o almoço anual de confraternização dos professores, officiaes e mestres daquele estabelecimento de ensino e que este ano foi ao mesmo tempo de homenagem ao seu novo director efectivo sr. coronel João Tamagnini Barbosa, recentemente promovido.

Pelas 11 e 30 efectuou-se na 1.ª secção uma formatura de todo o batalhão escolar, que fez varias evoluções, depois do que desfilou em continência.

Cerca das 14 e 30, officiaes, professores e mestres, em numero aproximado a sessenta, reuniram-se no almoço, que se efectuou no refeitório dos alunos, ao fundo do qual se via o busto da Republica envolto na bandeira nacional.

Presidiu o sr. coronel João Tamagnini Barbosa, ladeado dos srs. tenente-coronel medico Veiga e Sousa; majores Oscar de Freitas e Viagas, respectivamente sub-director e regente da 2.ª secção e outros professores.

Aos brindes, o sr. tenente-coronel Veiga e Sousa saudou em termos elogiosos o sr. coronel João Tamagnini Barbosa pela sua recente promoção e nomeação de director efectivo, e salientou as suas qualidades de caracter e de saber.

Na mesma ordem de ideias falaram varios oradores, depois do que o homenageado salientou o significado da festa anual daquele estabelecimento de ensino e agradeceu as honrosas referencias que lhe foram dirigidas.

Diga o que pensa sobre...

A crise das Sociedades de Recreio

Qual a sua verdadeira origem? Que meios devem ser adoptados para a debelar? As Sociedades de Educação e Recreio devem gozar de certas vantagens, a-fim-de bem cumprirem a sua missão?

Eis, em síntese, o tema do 4.º Inquerito que o Diário de Lisboa realiza.

As Sociedades de Recreio devem pronunciar-se, não apenas pelas suas direcções, mas individualmente pelos seus socios.

A crise que vêm atravessando as sociedades de educação e recreio tem uma causa unica, ou antes as razões dessa crise variam conforme os bairros e o seu ambiente social?

As respostas têm de ser entregues até ao fim da semana e ser tão curtas e claras quanto possível.

NOSSA SENHORA E O MENINO



Canto da Maia é um escultor que, entre os outros escultores da nossa época, gosa deste singular poder—eleva a materia á categoria do espirito.

Não esculpe para ser verdadeiro segundo as apparencias, mas sim de harmonia com o que ele vê, com os seus sonhos e as suas belas quimeras.

As suas figuras vêm todas de cima, arrancadas á nebulosa em que fluctuam por um gesto de artista que obriga os deuses a andarem pela terra. Não se contenta com o instante que passa, porque deseja atingir o instante de todos os instantes—a eternidade.

Repare-se na Virgem e o Menino de que damos hoje uma reprodução: a maternidade offerta-se em sacrificio por uma breve vida que caminha para uma imensa morte. Do regaço duma mãe brota a torrente invencível que penetra os tumulos e anima as cinzas, proclamando o amor e a sua febre de renovação.

Nova viatura municipal

para recolha do lixo

A Camara Municipal de Lisboa, que dentro do programa de modernização dos seus serviços nada tem descurado, pôs hoje a funcionar na Baixa, uma interessante viatura para lixo, que é a primeira no genero adquirida pelo Município.

A referida viatura, que já o ano passado fôra submetida a experiencias com o melhor resultado, tem como principal característica o facto de ser completamente fechada, de forma que o lixo não se vê do exterior.

O lixo é vasado na parte trazeira do carro e desaparece imediatamente da vista do publico.

A arrumação do lixo que nos outros carros é feita pelos operarios camararios com o emprego de pás é neste carro effectuado por um semifim, que o destrói e cumpre dentro da viatura.

Este modelo de viatura é o adaptado em grande numero de cidades alemãs e foi considerado no Congresso de Viena, em 1938, como uma das mais perfeitas, sob o ponto de vista de hygiene.

A Camara está a estudar cuidadosamente o assunto, a-fim-de adquirir mais viaturas identicas. Para isso está aberto um concurso destinado a aquisição de mais quatro carros de tipo especial cuja abertura de propostas se effectua na quinta-feira, pelas 11 horas, nos Paços do Concelho.

DE LUTO

Antonio Alexandre José Domingues

Faleceu o sr. Antonio Alexandre José Domingues, pai da sr.ª D. Guilhermina Domingues e dos srs. Mario Domingues, Jos Ganhado Dias e Antonio Ganhado Dias.

OS CAVALEIROS PORTUGUESES

no concurso de Roma

Por noticias recebidas de Roma, onde se está a disputar o Grande Concurso Hipico Internacional, no qual toma parte uma «equipe» portuguesa, podemos dar hoje a sua constituição completa: chefe da «equipe», major José Mousinho; Concorrente: capitão Marquês de Funchal com «Sado» e «Merle Blanc», tenentes José Beltrão, com «Biscuit» e «Adail», Fernando Pais, com «Beaulieu» e «Fossette», Peixoto da Silva, com «Magul» e «Saudade» e Reimão Nogueira, com «Chaimite» e «Colibri».

Ao concurso de Roma foram as mesmas «equipes» que estiveram em Nice e mais algumas que não foram a esta cidade, entre as quais a italiana e a alemã. O numero de concorrentes é muito mais elevado do que no concurso de Nice. Os premios são em numero bastante inferior aos de Nice. Por todos estes factores podemos afirmar que os nossos representantes têm alcançado em Roma optimas classificações, pois é um concurso em que se torna difficil conquistar qualquer premio.

Nos três primeiros dias de provas os portugueses conseguiram obter os premios que a seguir publicamos:

1.º dia—Premio «Esquillo», 8.º «ex-aequo», capitão Marquês de Funchal no «Sado», tenentes Fernando Pais no «Beaulieu» e Reimão Nogueira no «Chaimite». 2.º dia—Premio «Impero», 7.º tenente Peixoto da Silva na «Saudade» 3.º dia—Premio «Tincio», 4.º Marquês de Funchal no «Merle Blanc», 5.º, tenente Fernando Pais no «Beaulieu».

Roosevelt em Washington

WASHINGTON, 3.—O presidente Roosevelt chegou ontem á noite de Hyde Park.—(Havas).

O CRIME DE BARCELOS

Envenenou a mulher

para poder à vontade dissipar-lhe os bens

BARCELOS, 3.—(Pelo telefone).—A linda cidade minhota de Barcelos, a-pesar-de estar em festa, pois começaram hoje os tradicionais festejos das Cruzes, não esquece a tragedia que ha dias traz altamente impressionada a sua população.

Um rapaz muito conhecido nesta região, duma distinta familia, envenenou sua esposa, uma virtuosa senhora de 31 anos, que estava para ser mãe.

Manuel Paula se chama o criminoso. Antigo desportista, fez parte do grupo do União Barcelense, que já não existe. Era socio actualmente da firma comercial Paula Maciel, instalada com escritorio de comissões e consignações no largo da Porta Nova, o centro comercial de Barcelos.

Este Manuel Paula, tendo dissipado já uma boa fortuna, possui ainda alguns meios, vivendo com certo bem estar e desafogo em Vila Friscainha, de S. Martinho, numa linda vivenda que é propriedade sua. Ainda ha quinze dias vendeu uma fazenda que lhe rendeu 45 contos.

Este, o criminoso. A vítima, a sr.ª D. Abigail Silva Paula, sua mulher, casada em regime de separação de bens, falecida no passado dia 24 de abril.

Após o funeral da senhora começou a circular com insistencia a noticia de que ela tinha sido envenenada. O Manuel Paula, sabedor do que se dizia, requereu ás autoridades competentes a respectiva autopsia e investigações. Ao mesmo tempo comparecia no posto de policia o empregado da farmacia «Faria», sr. Daniel Pinto, a declarar ter vendido ao marido da falecida um grama de estriquinina, para extermínio de ratos.

As investigações sobre o caso começaram a correr secretamente sob a direcção do sr. administrador do concelho em colaboração com o juiz de direito.

Foi ordenada a autopsia. E o medico sr. dr. Francisco Rodrigues Torres verificou haver uma forte camada de toxico nas visceras da vítima. Em vista disso, nesse mesmo sabado, dia 29 de abril, Manuel Paula, sobre quem já recaiam graves suspeitas, era preso.

Interrogado, o criminoso negou a acusação e manteve-se nessa attitude durante certo tempo. Mas acumulavam-se as provas. O preso caía em contradicções. Por fim—confessou. Matára a sua mulher, ministrando-lhe em sais de frutos pequenas porções de arsénico, seguídas duma dose de estriquinina na véspera da sua morte, venenos mandados comprar por outras pessoas, sob varios pretextos, á farmacia «Faria» e á «Central».

Conduzido ao Porto, á Policia de Investigação Criminal, Manuel Paula voltou a ser interrogado pelo chefe da 1.ª secção, sr. Antonio Ferreira, repetindo a sua confissão, na presença do sr. dr. Abreu Ferreira. O criminoso disse então ter envenenado a sua mulher com receio de que ela conhecesse a sua vida de estroina e de dissipação. Manuel Paula regressou a Barcelos, na madrugada do passado domingo, sendo confiado ao poder judicial, após terem sido reduzidas a zero as suas declarações.

A vítima, sr.ª D. Abigail Silva Paula, era filha dum abastado capitalista de Cerveas. Matando sua mulher—ao que parece—Manuel Paula tentava apoderar-se da sua fortuna, da qual não podia dispor em virtude de se ter casado com separação de bens.

Ha pouco tempo, morrera um sobrinho de Manuel Paula, e diz-se que ele deve ter sido envenenado, a titulo de experiencia...

RETIRO DA SEVERA

HOJE Comemorando a Descoberta do Brasil. Programa Especial

Fados novos, por Maria do Carmo Torres, Lucilia do Carmo, Juio Proença, Xavier Pinto e Modesto Maia. — Natalia dos Anjos cantará o original de Gabriel de Oliveira «A GRANDE MODA» com «retrain» cantado pelo publico.

Entrada 1\$50 Consumo 2\$50 AMANHÃ: HERMINIA SILVA

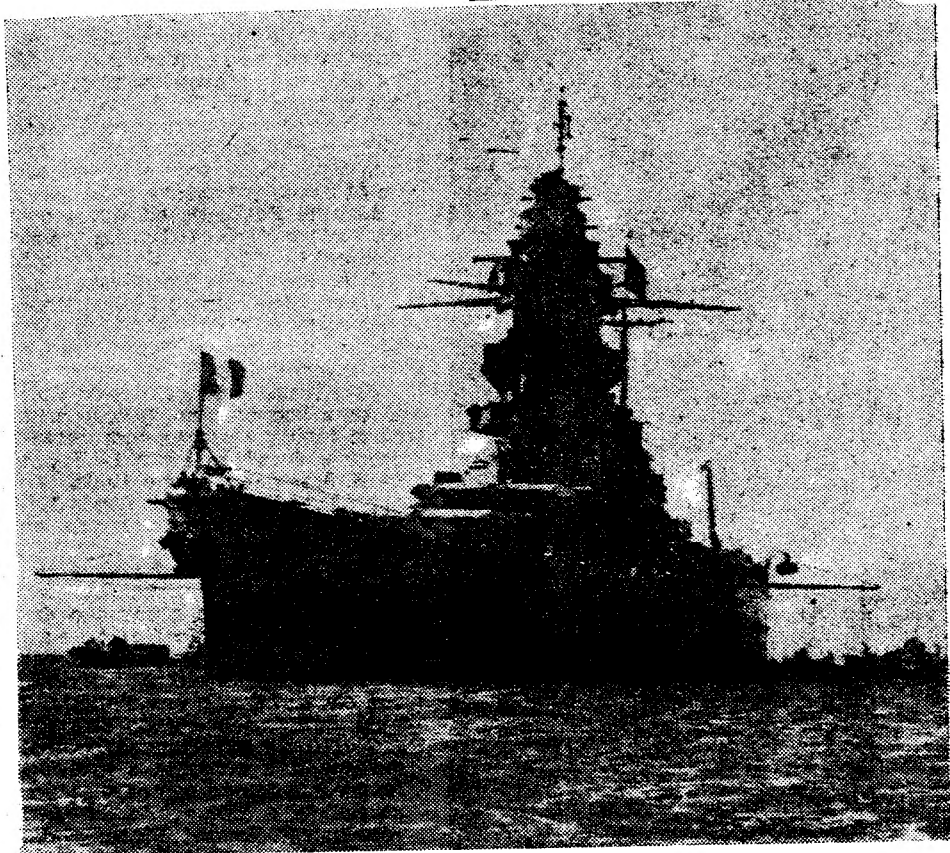
CAFÉ MONDEGO

Telef. 2 5676 Hoje: Noite da Moda, com Maria do Carmo Torres, Deolinda de Sousa, José Pereira e Frutuoso França.

NAVIOS DE GUERRA ESTRANGEIROS

ENTRARAM HOJE NO TEJO

os dois maiores couraçados da Armada francesa



O navio-almirante «Dunkerque» lança ferro diante de Lisboa

Entrou esta manhã no Tejo a divisão de navios de batalha da esquadra francesa do Atlântico, constituída pelos grandes couraçados de 26.000 toneladas «Dunkerque» e «Strasbourg», viajando no primeiro o vice-almirante Gensoul, comandante chefe daquela esquadra.

Os navios entraram a barra pelas 8 horas e, em frente de Belem, as suas bandas de música executaram a «Portuguesa», ao mesmo tempo que o «Dunkerque» salvava com 21 tiros. As guardas apresentavam armas, no convés da popa.

O forte do Bom Sucesso respondeu à salva e os couraçados—cujo aspecto é impressionante—continuaram rio acima. Devido ao grande calado dos navios, o almirante Gensoul resolveu não atracar. O «Dunkerque» e o «Strasbourg» entraram assim no quadro dos navios de guerra, onde fundearam pelas 9 horas, enquanto o distintivo do almirante Gensoul era saudado com uma salva pelo aviso «Bartolomeu Dias».

Logo que os couraçados fundearam seguiram para bordo os srs. capitão Colbert, adido militar francês; comandante Quintanilha de Mendonça, oficial português de ligação, e o conselheiro geral da França em Lisboa, os quais

foram imediatamente recebidos pelo almirante Gensoul.

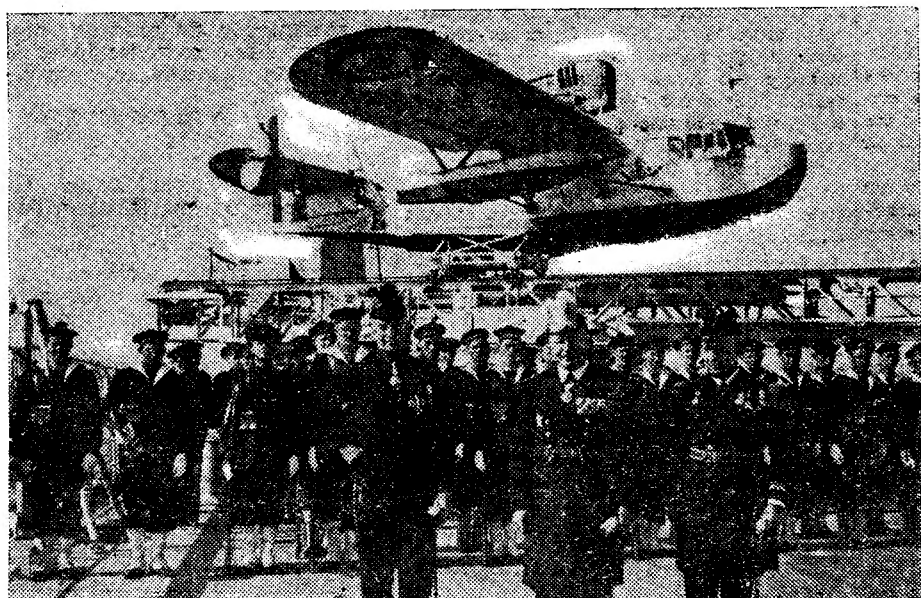
Trocados os primeiros cumprimentos, o comandante da esquadra, saudado com os acordes da «Marselhesa» e com as salvas da ordenança, desembarcou e dirigiu-se à legação da França, onde foi saudado o sr. Amé Leroy, que retribuiu pouco depois a visita a bordo do «Dunkerque».

O ministro da Marinha recebeu a visita do almirante Gensoul

Pelas 10 e 35, o sr. ministro da França chegou ao ministério da Marinha, acompanhado pelo almirante Gensoul, que ia saudar o sr. ministro da Marinha. Introduzido imediatamente no gabinete do sr. comandante Ortins de Bettencourt, o almirante francês teve uma afectuosa entrevista com o chefe da Armada portuguesa, que o convidou a assistir à cerimónia da inauguração do novo arsenal do Alfeite, que ia efectuar-se minutos depois. O almirante agradeceu o convite e disse que sentia a maior honra em o aceitar.

Durante a tarde, o comandante da esquadra francesa recebeu a visita do comandante das forças navais portu-

(Ver continuação na 6.ª pagina)



O almirante Gensoul junto da guarda de honra à popa do «Dunkerque», momentos depois da chegada ao Tejo

TAVOLA REDONDA

Os olhos milagrosos do «mestre» Serafim

Ignoro se hoje ainda os haverá; mas, quando eu era menino de bibe e calção, como nos versos do «Preto Papusse», havia ainda, nos meus Açores, alguns sebastianistas. Um, pelo menos, conheci eu. Chamávamos-lhe «mestre» Serafim: «mestre» — não sei porquê; Serafim — porque tal fora o nome que recebera na pia baptismal e muito pouco quadra-va com a sua imaginação delirante, onde o reino do Encoberto ganhara anatólia-na realidade.

Era uma espécie de mendigo — o «mestre» Serafim. Entre a noite do Natal e a noite dos Reis, mostrava-nos, mediante a espórtula dum tostão, o mais lindo, mais completo e mais inesquecível presépio de todos quantos nossos olhos admiravam nessas noites de deslumbramento e milagre. Ali, no presépio do «mestre» Serafim, tudo mexia por virtude e obra de invisíveis cordelinhos: mexiam com a cabeça o burrinho e a vaca; mexiam os pastores e postoras que vinham descendo pelas encostas, ajoujados de oferendas, mexiam, ao longe, na linha das montanhas, os reis magos, seus escravos negros e seus camelos numa alvura de algodão; e até o próprio Jesus Infante, muito rechonchudo e muito rosado, agitava no ar, desajeitadamente, os bracitos nus, numa alegria e num desprezo pelo frio que nos espantavam e nos enterneciam.

Depois, entre a noite dos Reis e a outra noite do Natal, isto é, durante todo o resto do ano, o «mestre» Serafim passava as madrugadas e as manhãs à beira-mar, interrogando os horizontes na esperança nunca esmorecida de que surgisse, enfim, com suas proas de ouro e seu velame de seda, a maravilhosa frota do rei oculto; passava as tardes num banco do Jardim Público, a caturrar, em companhia do sr. Abreu, guarda-fiscal reformado, e do sr. Simas, que trouxera do Brasil uma fortuna módica, uma «Historia de Portugal», de Pinheiro Chagas, e um passaro esquisito, maior e bastante mais antipático do que o habitual e clássico papagaio; quanto às noites, passava-as o «mestre» Serafim em casa, sózinho, a afinar, com cuidados e carinhos de namorado ou de maniaco, o seu presépio prodigioso, unico, no mundo, talvez, unico na ilha Terceira, sem sombra de duvida.

Ora um dia — isso foi, já se vê, há muitos anos — o «mestre» Serafim escandalizou o sr. Abreu e o sr. Simas, garantindo-lhes que, naquela manhã, à hora do lusco-fusco, vira, finalmente, embora envolta em brumas, a frota do Encoberto. E dava pormenores.

— A bordo ia muita gente... E se bem que àquela hora, não houvesse ainda sol, os meus pobres olhos distinguiam perfeitamente o brilho das couraças e dos elmos, o lustro das espadas e das lanças...

Só à tardinha, pelo jornal, é que se descobriu o que fôra: uma esquadra americana, uma grande e poderosa esquadra, erigida de canhões, que atravessava o Atlântico para intervir na guerra que por esse tempo dilacerava a Europa...

E agora pergunto se eram ou não de invejar os olhos do «mestre» Serafim — graças aos quais os mais modernos cruzadores e couraçados se transformavam em naus e galeras de sonho, cruzando as ondas, na humida madrugada açoreana, sob um docel de brumas?

DUTRA FARIA

IMPERIUM SALÃO CHA
LANCHES BANQUETES ALMOÇOS JANTARES
Rua S. Justa 105 T. 27527

MARIA DA LUZ

prolonga a sua exposição de lingerie no Av. Palace até amanhã, dia 4.

PORTUGAL EM FACE DA VITÓRIA

A «consciência» tão apregoadada não constitui

SALAMANCA, abril — Transcrevo do artigo de Tomás Ribeiro Colaço, publicado há dias, no *Diário de Lisboa*: «Se o mundo se reacende em espírito de Guerra, ouça esse mundo a voz clara e poderosa de um Imperio que se deveu à Guerra; e encontre-nos esta com o moral disposto a encará-la como a encarámos sempre.

Venha a angústia — se tiver que vir até nós — e encontre um coração onde caiba. Corra o sangue, e sintamos que em cada vida que por ele morresse teria Portugal uma razão mais para viver. Nós também sabemos e podemos desfaldar bandeiras de ambição, para servi-las até ao milagre. O espírito que a outros embriaga, também aqui encontra peitos que sabem aguentar-lhe a embriaguez. E não me digam que exagero, ou desvaio, ou minto ou alinho palavras esmeradas. Anda qualquer espécie de literatura a cem leguas da minha razão. Reproduzo uma voz que sinto gritar dentro de mim, e em muito não me pertence. Queima-me a sede que os portugueses falem aos portugueses como homens a outros homens: como gente que, gerada toda no mesmo ventre, guarda o calor, o instinto, o orgulho da sua inquebrantável identidade. E esse falar tem de ser aspero, tem de ser violento, porventura brutal; porque onde chega a hora de formar brados de homem na nossa garganta, seria ridícula tragedia que dessa garganta saísse apenas um cacarejar de galinhas».

Abençoado seja o homem que reagiu contra o sentimentalismo falso onde os portugueses se apoucam. Bravo, Tomás Ribeiro Colaço, pela tua coragem de português varão, de português que não sabe esquecer como se funda e como se conserva um Imperio!

* * *

Imperio! Imperio! Imperio! — eis o clamor patriótico que a Falange e com ela a parte mais entusiasta da Espanha de Franco, soltaram desde a primeira hora, como hino de guerra e brado de união.

Imperio! — palavra magica que surge sempre nos países de passado grandioso quando reencontram o caminho da tradição e marcham para o ressurgimento.

Imperio! — gritam portugueses, espanhóis, alemães e italianos para reacquirirem e reviverem os sonhos de antanho; e gritam também ingleses e franceses, para conservarem a grandesa do presente.

Esta consciencia imperial que está na origem do renascimento, ou o acompanhamento e justifica, tanto pode constituir mistica guerreira, de engrandecimento conquistador, como traduzir o afã de aproveitamento e defesa dos valores morais e materiais acumulados em séculos de historia. Quando se perde, acabou-se o esplendor, começa a decadencia, derruem-se os regimes e desaparecem os povos.

Por consequencia, presta-se sempre a interpretação dupla. Entendemo-la conforme provém duma ou doutra fonte. Supômo-la isenta de perigos para os vizinhos se é balbuciada por países mais fracos ou expressa por povos ricos e já repletos. Pelo contrario, enche-nos de apreensões quando os novos ou resuscitados imperialistas teimam em considerar-se parias do mundo, e afirmam a sua cubica pelos bens alheios.

Pronunciada por Espanha esta palavra imperio desde ha muito que produz receios, que ou são hipocritas ou são comicos, entre certos assustadicos portugueses. boxguarobmlobifu-

Hipocritas, quando servem de veículo, ao ataque politico contra os governantes lusitanos. Comicos quando traduzem o estado de espirito dos homens afeminados que medem Portugal pela sua bitola, isto é, dos vencidos que não souberam defender-se a si proprios e supõem que toda a nação

DE FRANCO

ia imperial»

em Espanha

ue ameaça para nós

seria, como eles foram, presa fácil de qualquer inimigo.

Durante a guerra, a campanha interna contra a situação política portuguesa sintetizava-se da maneira seguinte:

—E' mentira tudo quanto dizem acerca de vitórias nacionais. Os vermelhos acabarão por ganhar, e vingar-se-ão da atitude do nosso governo.

Finda a luta, em vez de reconhecerem o espirito de previsão de Portugal, os derrotados vingam-se realmente. C'á lá, sempiternos fomentadores de intrigas e de mal entendidos, gemem como mulheres espancadas ou bradam como histericas insatisfeitas:

—Ai Jesus que vamos ser conquistados!

Quanto a eles não o desejariam, quanto a eles não fizeram, consciente ou inconscientemente, todo o necessario para isso, tal qual certas virgens que choram e protestam alto contra aquilo que mais provocam ou anseiam...

Ora vejamos: Ha duas nações na Península. Ambas pronunciam a palavra imperio, cada uma por conta propria. Nós começamos primeiro. Quando *nuestros hermanos* nos imitam, aqui-del-rei que anda mouro na costal...

Por que razão não se assustam os espanhóis? Por que razão não temem ser conquistados pelos imperialistas portugueses?

Porque possuem consciencia da sua força e do seu orgulho patriótico. Nela encontram a tranquillidade.

Nós que, graças aos nossos recursos financeiros, ás nossas alianças, ás nossas posições estrategicas, ao espirito indomável da nossa raça, que sempre foi de senhores e nunca de escravos, devíamos envergonhar-nos de ser medrosos, andamos sempre sobressaltados como leões em vez de altivos e serenos como leões.

O portuguezissimo autor destas crónicas, quanto mais viaja no estrangeiro, quanto mais contacta com ele, quanto mais compara e vê do que são capazes os lusitanos, mais satisfeito está da sua origem e maior superioridade lhe encontra.

Mas não deixa de ser triste que enquanto uns milhares de portugueses se batem, e morrem ou vivem como heróis, meia dúzia de velhos do Restelo, por odio politico ou desgaste organico, teimam em representar Portugal como pais de cordeirinhos tímidos.

Nós, os que estamos em Espanha, e aqui cumprimos o nosso dever, somos mais portugueses e, portanto, mais serenos.

Estamos perfeitamente descansados e de bem com as nossas consciencias de verdadeiros patriotas—de verdadeiros patriotas que, sobre os restantes, possuem o direito de dizer:

—Somos tudo quanto vós sois e também mais isto: combatentes.

Quais as vozes dignas de ser escutadas? As dos que andaram três anos a enganar-se e a enganar os outros; as dos passivos que só sabem amesquinhar e amesquinhar-se; as dos que, se têm ideal ou não souberam defendê-lo ou não combateram por ele; as dos constantemente vencidos no campo da doutrina e no da prática; as dos ignorantes que nada vêem, nada sabem e de tudo se assustam?

—Ou a voz serena e forte do combatente, que conhece os homens e o meio, que estudou o moral e viu o material, que apreciou as boas intenções de cima e analisou a inconsistencia dos anseios de baixo?

* * *

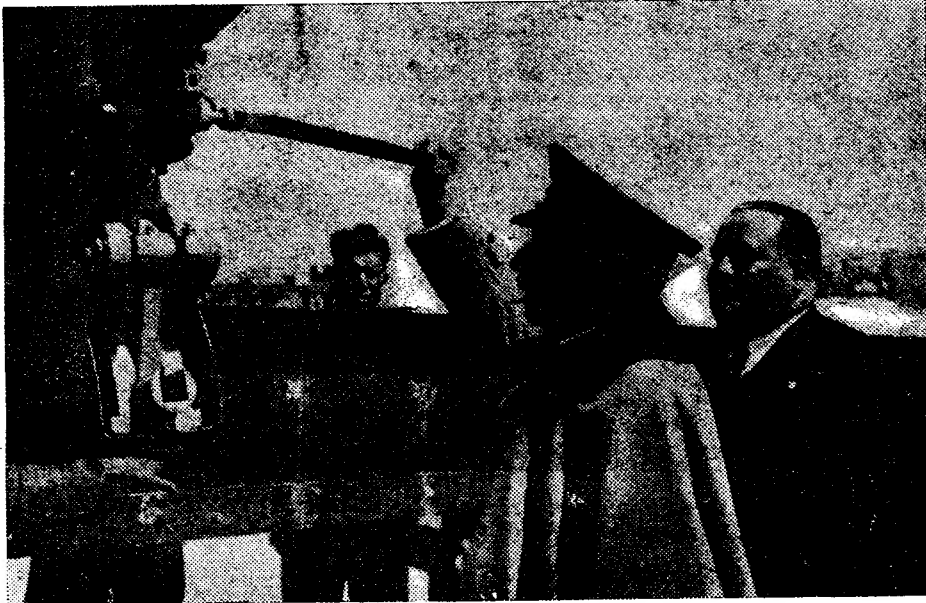
Sancho Davila, conselheiro nacional da Falange, numa entrevista concedida ao *Diario de Lisboa* ha quasi dois anos, rebateu as apreensões dos timoratos e definiu o que constitue o verdadeiro imperialismo nacionalista: Imperio *espiritual* sobre a *propria* Espanha, imperio necessario numa na-

(Ver continuação na 6.ª pagina)

O «DIA DA MARINHA»

Inaugurou-se hoje o novo Arsenal do Alfeite

A' cerimonia, que s revestiu de grande imponencia, assistiram o Chefe do Estado e o presidente do Conselho



O sr. Presidente da Republica procede á cravação do primeiro rebite de uma das novas vedetas

O novo Arsenal Naval do Alfeite foi hoje — Dia da Marinha — solenemente inaugurado com a assistencia do Chefe do Estado, presidente do Conselho, ministros, almirantes, generais e uma larga representação da Armada francesa.

O acontecimento revestiu-se de invulgar brilhantismo. Desde manhã que o grande estabelecimento fabril se encontrava vistosamente engalanado com dezenas de bandeiras nacionais, da «Legião» e da «Mocidade», oferecendo um belo efeito de conjunto. Os convidados começaram a chegar em numerosos barcos, a partir das 10 horas. E o Arsenal foi-se animando a pouco e pouco. Um batalhão de Marinha em uniforme branco encontrava-se postado junto ás carreiras de construções. Entre duas outras carreiras formava um contingente da Brigada Naval. A' entrada do Arsenal via-se um terço, também da Brigada Naval, mas constituido exclusivamente por operarios do Arsenal.

Cerca das 10 e 40 chegaram em automoveis, vindos por Cacilhas, os srs. ministros da Justiça, das Colonias e do Comercio e os srs. sub-secretarios das Corporações e das Obras Publicas, com o pessoal dos seus gabinetes. Junto ás carreiras, foram os membros do Governo recebidos e saudados pelo sr. vice-almirante Mata Oliveira, major general da Armada.

Sucessivamente foram chegando em diversos «gasolinas» os srs. almirantes Tito de Moraes, Botelho de Sousa e Baptista de Barros; generais Moraes Sarmento, Pereira dos Santos, Miranda Cabral, Domingos de Oliveira, Lobato Guerra, Peixoto e Cunha, Vieira da Rocha, Joaquim Malheiro e Pires Franco; brigadeiros Penalva da Rocha e Monteiro de Barros, officialidade superior do Exercito e da Armada, etc.

Num «gasolina» especial vinham os adidos navais inglês, italiano, e americano; militares franceses e inglês e aeronautico inglês, acompanhados pelos srs. tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais e comandante Celestino Ramos.

O Chefe do Estado passou revista a uma parte da esquadra

Eram 11 horas, quando chegou ao velho Arsenal da margem norte, o sr. Presidente da Republica, acompanhado pelos membros da sua Casa Militar. Recebido e saudado pelo sr. ministro da Marinha, o Chefe do Estado, sua esposa e netos, embarcaram na vedeta da Presidencia da Republica, acompanhados pelo sr. comandante Ortins de Bettencourt.

A vedeta largou imediatamente e tomou o rumo da zona ao sul onde se encontravam fundeados em duas linhas três avisos, quatro contra-torpedeiros e dois submarinos, os quais iam

ser passados em revista. As guarnições formaram nas toldas e soaram os toques de continencia. Os couraçados franceses «Dunkerque» e «Strasbourg» associam-se ás saudações ao Chefe do Estado português. Sobre cada um deles alinham mil e duzentos homens. A artilharia começa a troar numa salva compassada de 21 tiros e a marinagem da «Sagres» sobe ás vergas num admiravel exercicio. As guarnições soltam os «vivas» da ordenança. Começa a revista naval. A vedeta do Chefe do Estado passa por entre as duas linhas de navios, meio encobertos com o fumo das salvas. O sr. general Carmona vai fazendo a continencia na direcção das diversas unidades. E a vedeta passa veloz a caminho do Alfeite sobrepujado de bandeiras multicolores.

Às 11 e 30, a vedeta sai do canal formado pela esquadra e apróa á ponte do Arsenal.

O sr. dr. Oliveira Salazar chega pouco antes, acompanhado pelo sr. Leal Marques. Vinha na vedeta privativa do ministro da Marinha e embarcara em Belem. O chefe do Governo parece bem disposto. E' obra que se lhe deve aquela que vai ser inaugurada.

O sr. presidente do Conselho é recebido na ponte pelos srs. almirante Mendes Cabeçadas, intendente de Marinha na margem sul; engenheiro Perestrelo de Vasconcelos, administrador do novo Arsenal; capitão de fragata Americo Tomás e 1.º tenente Henrique Tenreiro, respectivamente, chefe do gabinete e ajudante do sr. ministro da Marinha. Breves cumprimentos. A vedeta presidencial aproxima-se. Momentos antes atracam duas vedetas francesas conduzindo o vice-almirante Gensoul, o seu estado maior e os comandantes dos couraçados.

O adido militar francês apresenta o almirante Gensoul ao sr. dr. Oliveira Salazar, que aperta a mão, sorridente, ao comandante da esquadra do Atlantico. Ouvem-se toques de continencia. E' o Chefe do Estado que chega. Barcos dos clubes nauticos, embandeirados, prestam contingencia.

A cravação dos rebites nos novos navios foi assinalada por entusiasticas manifestações

A vedeta atraca e o sr. general Carmona salta em terra. Encontro particularmente amistoso com o sr. dr. Oliveira Salazar. Outros cumprimentos breves e no pavilhão da administração do Arsenal sobe o distintivo verde do Chefe do Estado.

(Ver continuação na 6.ª pagina)



Os srs. Presidentes da Republica e do Conselho durante a visita ao Arsenal do Alfeite

O «DIA DA MARINHA»

A inauguração do novo Arsenal do Alfeite

PORTUGAL EM FACE
DA VITÓRIA DE FRANCO

Para ser grande e livre

a Espanha precisa de conquistar a sua própria unidade

(Continuação da página central)

Os srs. presidentes da República e do Conselho e ministro da Marinha tomam lugar num automovel que entra lentamente no Arsenal. Os operários legionários apresentam armas e ouvem-se as primeiras salvas de palmas. O carro atravessa os arruamentos de oficinas e chega minutos depois junto das carreiras. Ouve-se a «Portuguesa» e o batalhão de Marinha apresenta armas. Continência geral. A multidão de cabeça descoberta. O sr. general Carmona passa revista aos marinheiros. O sr. ministro da Marinha, que o acompanha, faz depois a apresentação do almirante francês Gensoul ao Chefe do Estado. Vai proceder-se à cerimónia que marca a inauguração do novo Arsenal.

O sr. engenheiro Perestrelo de Vasconcelos indica ao Chefe do Estado o caminho para as carreiras. Novas salvas de palmas e «vivas» a Carmona e a Salazar. São 11 e 40. O Chefe do Estado, o sr. presidente do Conselho e o sr. ministro da Marinha procedem simultaneamente à cravação dos rebites dos novos barcos: um navio hidrográfico e duas vedetas. O ruído característico das máquinas sobre a chaparia ecoa pelo Arsenal e ouvem-se novas salvas de palmas e «vivas» entusiasticos. As esquadras portuguesa e francesa embandeiraram simultaneamente em arco e todos os barcos saudam com uma salva a inauguração do grande estabelecimento fabril. Novas manifestações assinalam o festivo acontecimento. Os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar felicitam o sr. ministro da Marinha e o sr. engenheiro Perestrelo de Vasconcelos. O almirante engenheiro inglês Robert Hugill, director técnico do Arsenal, felicitou também os mais altos representantes de Portugal e abraça o sr. engenheiro Perestrelo de Vasconcelos.

O Chefe do Estado provou o almoço dos operários e visitou algumas das maiores oficinas

Aos srs. general Carmona, dr. Oliveira Salazar e comandante Ortins de Bettencourt foram então oferecidos lindos pesa-papéis em prata, tendo inscrita a data da inauguração do Arsenal. As esposas do Chefe do Estado e do ministro da Marinha foram oferecidos belos ramos de flores.

O sr. Presidente da República, acompanhado pelo Governo e altos comandos, atravessou então as carreiras, sempre no meio de vivos aplausos da multidão, dirigindo-se para a vasta oficina de construções navais onde se deteve alguns minutos. Passou depois ao amplo refeitório, onde provou, com o sr. dr. Oliveira Salazar, o almoço que ia ser serviço aos operários. Atravessou depois o sr. general Carmona outras oficinas, após o que se dirigiu novamente para o cais de embarque.

A banda da Armada voltou a executar a «Portuguesa» e começaram os cumprimentos de despedida, enquanto as vedetas sacudidas por uma forte nortada atracavam cuidadosamente ao cais.

O almirante francês Gensoul perfilou-se diante do Chefe do Estado, que lhe apertou efusivamente a mão.

O sr. dr. Oliveira Salazar despediu-se afectuosamente do almirante francês e das restantes e, a convite do Chefe do Estado, tomou lugar na vedeta da Presidência da República, a qual largou momentos depois, saudada pelas continências de todos os presentes e pelos «vivas» dados pelas guarnições dos avisos «Gonçalo Velho», que se encontra no plano inclinado, e «República», que está atracado ao cais do Arsenal.

Depois da saída do elemento oficial, foi servido o almoço a cerca de oitocentos operários e um lanche aos convidados.

A noite, o Arsenal estará vistosamente iluminado e alguns navios da esquadra efectuarão exercícios de projectores.

As comemorações no Porto

PORTO, 3.—As festas comemorativas de o «Dia da Marinha» iniciaram-se esta manhã com a missa campal que a «Mocidade Portuguesa» levou a efeito na ampla rotunda da Boavista. Junto



O sr. dr. Oliveira Salazar abraça um dos rapazes da «Mocidade Portuguesa» que lhe ofereceu a placa comemorativa da inauguração do Arsenal

ao altar, armado no sopé do monumento à Guerra Peninsular, fez guarda de honra um «castelo» de milícia da «M. P.».

Cerca das 10 horas começaram a concentrar-se naquele largo os diversos centros de instrução deste organismo nacional, assim como diversas individualidades representativas do distrito. Numa das alas laterais concentravam-se três «castelos» da «M. P.» feminina. Ladeavam o altar as bandeiras e os guilhões dos «castelos» da «M. P.» do Porto.

A missa foi celebrada cerca das 11 horas pelo sr. padre Marinho, director do Instituto Nun'Alvares, de Santo Tirso, e dirigente do centro n.º 3, acolitado pelos adjuntos da «M. P.» Antonio Moraes e Alberto Figueiredo. Assistiu à cerimónia o sr. ministro da Educação Nacional, que ali chegou, acompanhado pelo governador civil do distrito e pelo presidente da Câmara Municipal do Porto.

Após o desfile dos filiados, usaram a palavra junto do monumento ao Infante D. Henrique os srs. conde de Vilas Boas, em nome da Divisão do Douro Litoral, e dr. Carneiro Pacheco, que começou por acentuar as razões que assistem aos filiados da «M. P.» do Porto, na escolha do Infante para seu patrono.

O sr. ministro da Educação fez uma síntese da admirável actividade do Infante, desenvolvida através das dificuldades, de incompreensão e até de reveses, para chegar à múltipla vitória de vontade, de acção, de confiança, do estudo, da tenacidade da luta e do espírito, acentuando que fora muito bem escolhido o dia de hoje para a proclamação do patrono de «M. P.» do Porto. E afirmou:

—Hoje, perante o mundo dividido e inquieto, Portugal, com renovado prestígio no mundo, na plena consciência da sua missão histórica e dos seus sagrados direitos, educa a geração nova,

Os navios franceses no Tejo

(Continuação da página central)

guesas, sr. capitão de mar e guerra Francisco Luiz Rebelo, e cumprimentou, nos seus respectivos departamentos, os srs. major general da Armada, ministro dos Negócios Estrangeiros, governadores civil e militar, presidente da C. M. L. e direcção do Hospital de S. Luiz dos Franceses.

Mais tarde, esteve na Presidência da República a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado.

A's 16 horas, começou a bordo do «Dunquerque» uma recepção dada pelo almirante Gensoul, em honra da imprensa portuguesa. A's 17 horas ha uma recepção na legação da França e, a noite, um jantar no Estoril, oferecido pela colonia francesa.

O «Dunquerque» e o «Strasbourg»

não para a atitude resignada e contemplativa do passado, mas para a «Acção».

Após o discurso do ministro, os milhares de rapazes que enchiam o largo, entoaram o hino da «Mocidade», enquanto o comandante da «ala» do Porto, depunha na base do monumento uma palma com flores naturais.

Esta significativa cerimónia terminou com o desfile em continência á frente á sede do Departamento Marítimo do Centro. Cerca das 15 e 30, realizou-se, junto ao mesmo monumento, a cerimónia efectuada pelas forças de terra e mar, Legião e Brigada Naval.

Assumiu o comando das forças em parada o sr. 1.º tenente Coutinho Cardoso. Presentes a este acto estiveram o sr. ministro da Educação Nacional, governador civil, presidente da Câmara, comandante da 1.ª Região Militar, comandantes e oficiais das unidades da guarnição, Sindicatos Nacionais e muito povo.

Ao microfone falou o sr. capitão de mar e guerra José Teixeira Marinho, que enalteceu os feitos do Infante e dos portugueses de outrora e, em seguida, o sr. dr. Carneiro Pacheco, que cumprimentou e felicitou a marinha de guerra pelo dia de hoje.

Este acto terminou com o desfile das forças em continência ao monumento, tendo antes, ao som da «Portuguesa», o sr. chefe do Departamento Marítimo do Centro deposto um ramo de flores naturais, enquanto os barcos surtos no rio faziam ecoar as suas se-re-las e apitos. Como ultimo numero da festa, efectuou-se um desfile de todas as embarcações surtas no rio, tomando parte no mesmo os navios de guerra, rebocadores, traineiras e as flotilhas dos barcos de recreio dos diversos clubes nauticos, completamente embandeirados e num surpreendente aspecto. As duas margens do rio Douro estavam pejudadas de densa multidão, que, acenando com lenços, vitoreava os marinheiros.

são hoje as mais poderosas unidades da Armada francesa e das mais poderosas que sulcam os oceanos. Muitas das suas características permanecem secretas e, uma delas, é a velocidade maxima, que não se conhece exactamente.

Tudo quanto concorre para o potencial dum navio de guerra de linha, todos os elementos que constituem a obra mais difícil que o homem pode fazer, um vaso de guerra, foram, tanto num como noutro dos dois couraçados, equilibrados e harmonicamente ligados entre si. Reunem, de resto, as qualidades nauticas e militares, elevadas ao maximo, e formam um conjunto ao mesmo tempo titanico e elegante.

Tratou-se de aplicar-lhes, com o maior rigor possível, as formulas resultantes dos ensinamentos da ultima guerra.

ção que até hoje não soubera encontrar a força de espírito indispensavel para unir-se a si propria. O lema de Falange «Una, grande y libre» traduz completamente, sem necessidade de recorrer a sonhos oficiais de conquista externa, a definição imperial: A Espanha, para ser grande e ser livre, precisa começar por conquistar a sua propria unidade, isto é, acabar com o microbio separatista e liquidar as divisões politicas internas, venham elas da direita, venham da esquerda.

A Espanha, com tanto direito como qualquer outra nação, ambiciona ser grande, desenvolver os seus proprios recursos mal aproveitados pelos politicos. Exactamente o mesmo que Portugal afirma.

A Espanha, levantou-se contra o dominio espiritual da Russia, que cedo se transformaria em dominio total. Legitimamente, quer ser livre, porque conhece por experiencia propria onde conduzem os espíes e agentes externos, porque sabe melhor do que ninguém o que representa a influencia estrangeira. Reconquistou a sua independencia. Tolo será aquele que, mesmo em nome duma divida de gratidão, queira roubar-lhe a mais pequena parcela dessa liberdade paga com caudais de sangue espanhol.

Convém á tranquillidade peninsular essa Espanha externamente livre e consciente de si propria? Evidentemente, convem-nos mais do que a Espanha dominada por estrangeiros.

Quando a patria do Cid caiu na tolice de navegar na orbita de Napoleão, serviu de caminho amavel ás hostes do grande corso... e acabou por ser conquistada por ele.

Bom trabalho lhe custou libertar-se, com a nossa ajuda e a inglesa.

A Inglaterra deixou-lhe um bilhete de visita em Gibraltar, não soube captar simpatias nem pôde conservar a momentanea aliança.

A sua má politica de então, a arrogancia dos seus governantes, diplomatas, generais e militares feriu o orgulho espanhol. Transformou em ressentimento o que poderia ser gratidão.

O mesmo se passou em Portugal, para quem o occupante britânico foi quasi tão odioso como o invasor francês, quer por aqueles defeitos, quer porque fomos nós quem pagou, com Olivença, o preço do rochedo gibraltinico. Mas, senhores de maior visão politica, recalçamos os nervos, pusemos os olhos na lição do Brasil, conservámos a aliança inglesa e conseguimos salvar o imperio colonial enquanto a Espanha o ia perdendo.

O conselheiro Acacio, padremestre das banalidades, dizia a proposito: «A Historia repete-se, mesmo quando as nações mudam e os imperialismos são outros...».

Todavia, ninguém tente transmitirmos o seu nervosismo injustificado, nem impôr-nos remedios importados do estrangeiro.

Quem quiser ser simpatico a portugueses e espanhóis, ciosos cada qual do seu lar, não lhes fale em dominio de outrem, nem directo nem com disfarce, nem brutal, nem doirado, nem por conquista armada nem por sedução e encantamento. Ninguém queira salvar-nos de perigos imaginarios, para que lhe devamos algo.

Velhos fidalgos, habituados a viver em nossos paços, podemos ter dividas, costumamos pagá-las com juros, mas corremos o credor a palos se ousa bater á porta a reclamá-los... Compreendido?

X. Y. Z.

Excursionistas suecos

Largou esta manhã do Tejo o grande paquete sueco «Kungsbrölen», que anda a fazer um dos maiores cruzeiros dos ultimos tempos, com 238 excursionistas, entre os quais alguns banqueiros norte-americanos.

Procuradoria dos Senhores

R. FANQUEIROS, 235, 1.º

(Esquina St.ª Justa)

TELEFONE 23657

Tapêtes e Carpetes
Tôdas as marcas
A maior colecção do país
"Quintão"
32, Rua Ivens, 32

ESTRANGEIRO

Dr. Fritz Kaufmann

ZURUECK

O comercio internacional

As reacções da Inglaterra com os outros países

LONDRES, 3.—O «Financial Times» informa que R. S. Hudson, secretario do Departamento do Comercio Externo, vai aos Estados Unidos visitar a Exposição de Nova York, com Cordell Hull, secretario de Estado, e com Henry Hopkins, secretario do Comercio. Hudson, falando esta manhã para Nova York, disse que voltará a Londres dentro de 15 dias, isto é, mais cedo do que foi primitivamente previsto, a fim de participar nas conversações que se realizarão com a delegação comercial yugo-eslava, esperada em meados do mês e depois com as delegações dos Estados do norte, onde Hudson esteve recentemente.—(Havas).

A importação de mercadorias japonesas em França

PARIS, 3.—Foi proibida a importação de mercadorias japonesas, tanto em França como nas colónias. Esta proibição não se aplica a mercadorias acompanhadas de certificado especial. Por outro lado, as disposições do decreto não são aplicadas nem à seda nem à canfora.—(Havas).

O comercio americano na China e nas Filipinas

WASHINGTON, 3.—No jantar organizado pelos agentes da Camara de Comercio Americana, residentes no estrangeiro, alguns dos assistentes discursaram pedindo que o governo americano proteja o mercado na China e nas Filipinas, mesmo que com isso tenha que correr o risco duma guerra contra o Japão. Preconizaram também que o governo americano contrabalancasse a concorrência europeia na America do Sul com uma redistribuição de ouro e concessão de creditos.—(Havas).

A agitação na Palestina

O ataque contra Nazaré

HALFA, 3.—Continuam as buscas e investigações a respeito do ataque contra Nazaré. As quatro casas desta localidade donde os insurrectos fizeram fogo foram dinamitadas. Os nazarenos foram condenados a pagar uma multa colectiva de 500 libras. Há já 49 prisões.

Em Tel-Aviv declarou-se greve no porto, que afecta as tripulações dos navios mercantes, que pretendem um aumento de salarios.—(Havas).

HOTEL INTERNACIONAL PORTO

so lado da Praça da Liberdade

Água quente e fria em todos os quartos
Água quente e fria em todos os quartos

Quartos com telefone e casa de banho privativo
Diarias desde 25\$00

Pensão Belga

R. Actor Tasso, 11 (Rotunda)—Telef. 40529

Pensão de luxo com todo o conforto moderno, água corrente quente e fria em todos os quartos, cozinha francesa e optimo serviço de restaurante na sala e no grande terraço. Servem-se copos d'água para casamentos.



POS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

A boicotagem anti-nazi

na America

NOVA YORK, 3.—O dr. Jay Schiemlein, presidente da comissão dos voluntarios cristãos para a boicotagem da Alemanha nazi, publicou um manifesto em que diz: «Continuaremos os esforços para boicotar com redobrada energia até Hitler mudar de politica ou a Alemanha mudar Hitler. O melhor meio de defesa contra o «dumpling» e a propaganda paga é a boicotagem. Embora não possamos empregar metodos totalitarios, podemos recusar-nos a pagar a sua acção contra nós».

Acrescentou que o agrupamento se encarrega de fazer a campanha de boicotagem da Alemanha nazi na America do Sul, e concluiu: «Cremos que o movimento se estenderá brevemente a todas as nações democraticas do mundo inteiro».—(Havas).

Regressam a Italia

800 italianos residentes em Paris

PARIS, 3.—Partiram para Italia, onde vão fixar residencia, 800 italianos, que residiam em Paris e arredores. Na estação compareceu o embaixador italiano, com o pessoal da embaixada.—(U. P.).

Uma explosão em Manchester

LONDRES, 3.—Deu-se uma explosão a noite passada em Manchester, numa casa situada no bairro Chorlton. Depois da explosão viram-se 3 homens que fugiam. Consta que a policia descobriu explosivos na casa.—(Havas).

A POLITICA CUBANA

está a agitar-se de novo

HAVANA, 3.—Os partidos da esquerda manifestaram-se contra o acordam do tribunal eleitoral, segundo o qual 7 partidos não podem participar nas proximas eleições para a assembleia constituinte. A policia effectou 22 prisões, que não foram mantidas.—(Havas).

HAVANA, 3.—A manifestação no Parque Central contra a sentença do tribunal eleitoral que excluiu sete partidos das proximas eleições juntou 6000 manifestantes dos partidos esquerdistas. Os manifestantes, que cantavam a «Internacional» e agitavam bandeiras, exprobravam a decisão do tribunal. Um dos oradores, representante do partido agrario, declarou que «correrá o sangue, se as portas da Assembleia Constituinte não se abrirem a todos».

Sergio Carbo, chefe revolucionario bastante conhecido, disse: «Entraremos na Assembleia este ano, seja por que meio for». Entretanto, no Senado discutia-se um projecto de lei prolongando o prazo de inscrição dos partidos revolucionarios. A sessão foi tumultuosa.—(Havas).

Um rapto no Mexico

Oscar Lampe foi libertado

MEXICO, 3.—Oscar Lampe, sub-director das minas de Guanajuato, raptado no 1º de Maio pelos bandidos, foi posto em liberdade e regressou ao seu domicilio. Recusou-se a revelar as condições de liberdade. Como se sabe, os bandidos tinham pedido pelo resgate 13 000 dolares.—(Havas).

COMEMOROU-SE NA POLONIA

a data da constituição de 1791

VARSOVIA, 3.—A Polonia celebra hoje a constituição de 3 de maio de 1791. A cidade está toda embandeirada. Nas montras das lojas vêem-se os retratos de Pilsudski, Smigly, Rldz e Beck. As representações diplomaticas acreditadas em Varsovia, inclusivé a legação checa, arvoram as respectivas bandeiras.

Haverá paradas militares em diferentes cidades da Polonia, com caracter menos solene do que nos anos anteriores, visto que a maior parte das tropas actualmente se encontram afastadas das suas guarnições.

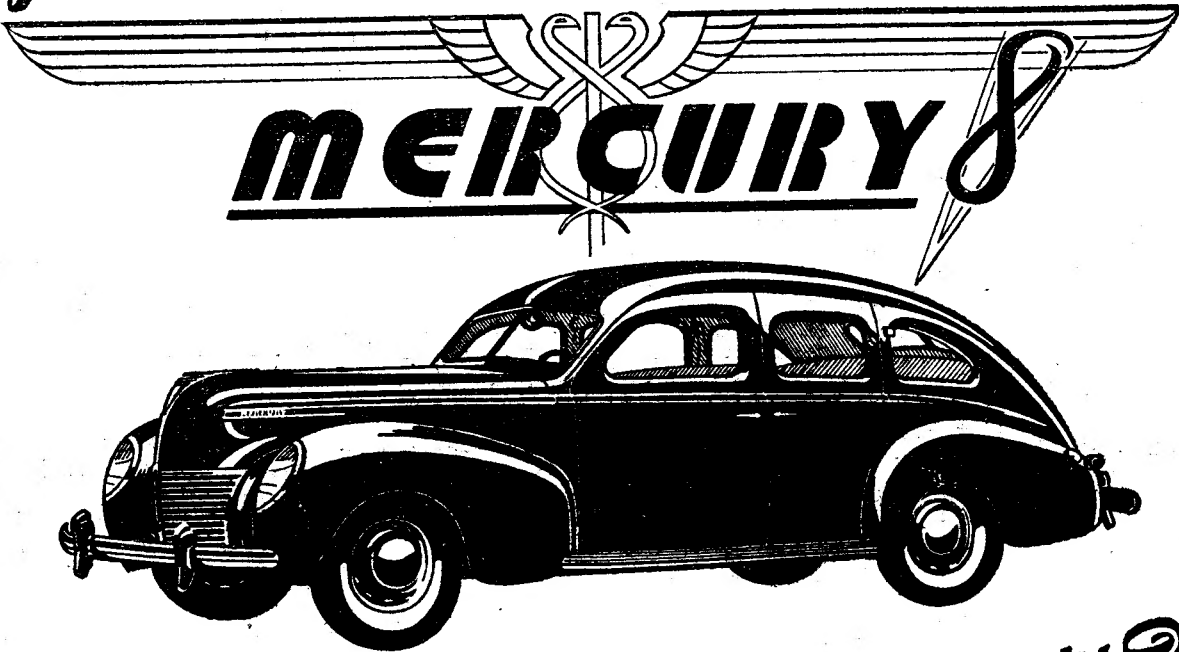
Nas igrejas de todos os cultos celebram-se serviços religiosos e ha reuniões em todas as cidades. O «Warszawski Narodowy» noticia que os cartazes que convidavam a população polaca de Dantzig a tomar parte nas festas de hoje foram arrancados. Diz ainda que o partido Nazi decidiu organizar uma festa no Palacio dos Desportos, onde deve tambem realizar-se uma reunião da juventude academica polaca.

Grave desastre na carreira

Dakar-Toulouse

MARRAQUEXE, 3.—Ontem, ás 19 horas, encontrou-se na região de Chicaua, ao sul de Marraquexe, o avião regular do serviço de Dakar a Toulouse, de que não havia noticias desde as 15 e 24. O aparelho foi destruído e a tripulação e passageiros morreram. Ignoram-se as causas do desastre. O aparelho voava a 5 mil metros de altitude e havia assinalado que se formava geada sobre as asas.—(Havas).

Já conhece o



...o novo carro para a elite?

Este assombroso V8 com motor de 95HP acaba de obter, em prova oficialmente controlada pelo Automovel Club de Portugal, no percurso LISBOA-PORTO-LISBOA (694 kls.) a media do consumo de 14,120 aos 100 quilómetros, á velocidade de 57km,513 por hora, transportando cinco passageiros.

Peça uma demonstração gratis e sem compromisso á

FORD LUSITANA



RUA CASTILHO, 149

Onde se encontra em exposição o carro que conseguiu esta inigualavel performance

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Ribbentrop vai a Roma conferenciar com Ciano

O Reich propôs um pacto de não-agressão a vários países do norte
Já regressaram os ministros húngaros que foram a Berlim

BERLIM, 3.—Ribbentrop parte na quinta-feira à noite para Itália, onde se encontrará e conferenciará com o conde Ciano.

Anuncia-se que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich gozará um curto período de férias, talvez oito dias.

Segundo se declara nesta capital, a viagem de Ribbentrop à Itália terá assim, no mesmo tempo, carácter particular e oficial.

Nos meios políticos alemães ha a impressão de que Ribbentrop deseja, assim, mostrar o seu desinteresse pelas declarações que o ministro dos Estrangeiros polaco vai fazer sobre as relações do seu país com o Reich. Por isso sai precisamente de Berlim na altura em que se devem produzir as anunciadas declarações do coronel Beck.—(Havas).

Actividade diplomatica

A Alemanha propôs um pacto de não-agressão aos países nórdicos

ESTOCOLMO, 3.—Os jornais da manhã dão noticia duma oferta alemã aos países nórdicos para a assinatura dum pacto de não-agressão. Esta proposta teria sido feita em concordancia com as declarações do Fuhrer perante o Parlamento alemão. O jornal do partido governamental, «Social-Demokraten», observa que esta proposta será objecto de deliberações comuns entre os países directamente interessados. Os países nórdicos vão, portanto, consultar-se antes de fixar a sua attitude.

Foi feita uma proposta identica pelo Reich aos países bálticos.—(D. N. B.).

Roma recebe a visita de varias personalidades

ROMA, 3.—Gafenco visitou o «forum» Mussolini, onde foi recebido pelo secretario do Partido Fascista e assistiu a exercicios de gymnastica realizados por varias organizações juvenis.

O ministro dos Estrangeiros da Romenia ofereceu ao cardinal Maglione, secretario de Estado do Vaticano, um almoço a que assistiram varios cardeais e diplomatas.

Chegou aqui o novo embaixador da Inglaterra, sr Percy Lorraine.

Foi recebido na estação pelo chefe de gabinete do ministro dos Estrangeiros, por altos funcionarios do mesmo ministerio e por todo o pessoal da embaixada e consulado da Inglaterra.

O ministro do Trabalho do Reich, que se encontra em Roma, visitou os trabalhos da Exposição Mundial para 1942.

O general Brautschitch, que se encontra na Libia, acompanhado do marechal Balbo e do sub-secretario da Guerra, partiu de automovel para Verona.—(United Press).

O resultado das conversações de Berlim

BUDAPESTE, 3.—A's 9 horas, Teleki e Csaki chegaram de Berlim. Eram esperados por todos os ministros húngaros e por numerosas personalidades e delegações. Depois duma breve allocução do chefe do partido governamental, barão Vay, que sublinhou a comunidade dos designios húngaro-alemães, discursou o presidente do Conselho.

Lembrou que as visitas dos homens de Estado húngaros a Roma e a Berlim eram normais e accentuou a vantagem daqueles contactos pessoais.

Aludindo depois ás conversações de Berlim, Teleki disse: Verifiquei que o povo alemão consagra profunda amizade à Hungria. Queremos, com confiança completa, trabalhar juntos a bem dos nossos povos e para termos paz nesta parte da Europa. E' o que trazemos connosco e é mais do que os resultados immediatos que alguns possivelmente esperavam.—(Havas).

As negociações turco-sovieticas

ANKARA, 3.—Foi novamente adiada a partida de Potemkine. As negocia-

ções turco-sovieticas prosseguem no maior segredo.—(Havas).

Weygand na Turquia

ANKARA, 3.—Ismet Inonu recebeu o general Weygand, na presença de Massigli, embaixador da França.—(Havas).

O ministro do Comercio britânico vai aos Estados Unidos

LONDRES, 3.—O ministro do Comercio parte amanhã para Nova York, onde vai visitar a Exposição de Nova York. Avistar-se-á com Cordell Hull.—(United Press).

Actividade militar

A denuncia do tratado naval anglo-alemão

LONDRES, 3.—O governo britânico enviou ontem a Berlim uma nota acusando recepção da comunicação alemã relativa à denuncia do tratado naval.—(Havas).

Movimento de esquadras

GIBRALTAR, 3.—Todos os navios de guerra franceses que se encontravam neste porto aparelharam esta manhã, uns para leste, outros para oeste. O couraçado «Ramilles» e os «destroyers» britânicos continuam os seus exercicios de tiro nas proximidades de Gibraltar.—(Havas).

Os progressos da aeronautica britânica

LONDRES, 3.—O ministro do Ar, «sir» Kingsley Wood, declarou que o novo avião de bombardeamento «Hampden», que as fabricas inglesas estão a produzir em massa e cujos pormenores e eficiencia militar foram até agora conservados secretos, pode transportar 1.500 quilos de bombas e outro material de guerra e realizar um vôo sem escala de 1.990 milhas, e acrescentou:

«Se o «Hampden» tiver que ser empregado em «raids» de curta distancia, o peso da gasolina poderá ser substituido por bombas ou material de guerra até o peso total de 3.000 quilos. Com uma tal carga, este magnifico aparelho, maravilha da industria britânica, pode efectuar um vôo de 870 milhas. A velocidade economica de cruzeiro deste avião, é de 172 milhas por hora, podendo atingir, em caso de necessidade, 230 milhas por hora».—(United Press).

Foi lançado á agua, em Inglaterra, mais um navio de 35 mil toneladas

LONDRES, 3.—Foi hoje lançado á agua o couraçado «Prince of Wales», um dos mais rapidos do mundo. Desloca 35 mil toneladas e é armado com 10 canhões de 14 polegadas, 16 canhões de 5 polegadas e 1/4 e outros de mais pequeno calibre. A velocidade média por hora é superior á do «Nelson». A guarnição tem 1.500 homens. E' o segundo navio do mesmo tipo. Estão actualmente nos estaleiros mais três navios deste tipo.

A construção de novas bases aereas e navais norte-americanas

WASHINGTON, 3.—As autoridades superiores do exercito e da marinha estudam um vasto plano para se fortificar as proximidades da entrada do canal de Panamá pelo lado do Pacifico. Este plano prevê tambem a construção duma base aerea e naval fortificada no porto mexicano de Acapulco e o estabelecimento de uma poderosa base aerea na linha de Galapagos.

Os Departamentos da Guerra e da Marinha dos Estados Unidos vão pedir brevemente ao Departamento do Estado que faça as necessarias «de-

marches» junto dos governos do Mexico e do Equador, para serem rapidamente negociados os necessarios tratados, a-fim-de se estabelecerem as novas bases aereas e navais nos territorios daqueles dois países.

O governo do Mexico já declarou que autorisaria de bom grado a utilização do porto de Acapulco pelas forças aereas de marinha norte-americanas, mas as autoridades de Washington são de opinião que antes que sejam feitas negociações formais para a utilização daquele porto, deve ser resolvida a questão das indemnizações a pagar ás companhias norte-americanas que exploravam jazigos petrolíferos no Mexico.—(United Press).

A fortificação das ilhas Aaland

BERLIM, 3.—O governo alemão deu oficialmente o seu acôrdo ás propostas feitas pela Finlândia e pela Suecia para se modificar a convenção das ilhas Aaland relativamente ao direito de tomar certas medidas de defesa militar naquelas ilhas. Escusado é dizer—afirma o comunicado oficial publicado sobre o assunto—que na eventualidade de uma guerra que se estendesse ao mar Báltico, a Suecia e a Finlândia ficariam neutrais. A attitude da Alemanha para com a S. D. N., que tinha certa acção a desempenhar em virtude da convenção sobre as ilhas Aaland, não sofreu qualquer modificação.—(Havas).

Uma declaração de Chamberlain sobre o serviço militar na Irlanda

LONDRES, 3.—O redactor politico do «Financial Times» informa que Chamberlain fará uma importante declaração na quinta-feira, nos Comuns, a respeito da applicação da lei do serviço militar obrigatorio na Irlanda do norte.—(Havas).

Noticias diversas

Reunião do gabinete de Londres

LONDRES, 3.—O ministerio reuniu-se ás 10 e 30 para estudar a situação internacional e sobretudo a attitude da Polonia quanto ás reivindicações alemãs e os progressos feitos nas negociações em curso com o governo soviético.

Consta que Halifax pôs os seus colegas ao corrente da conversação que teve ontem á noite com o embaixador da França. Parece que tambem submeteu á apreciação dos seus colegas um projecto de resposta ás propostas russas. Se esse projecto for aprovado pelos ministros, a resposta será dada ainda esta semana ao governo de Moscovo, por intermedio do embaixador inglês naquela capital.—(Havas).

Para a defesa nacional polaca

VARSOVIA, 3.—O consulado checo de Cracovia, que se recusou a entregar os seus instalações ao consulado germanico, ofereceu 500 zlotys para o emprestimo a favor da defesa aerea. O texto da declaração que acompanhava a dadiwa dizia: Os checos da Polonia oferecem uma modica importancia visto estarem desprovidos de recursos. Mas aquela quantia é o testemunho da sua profunda simpatia pela nação irmã. Hoje, dia da festa nacional polaca, os checos organizarão uma subscrição com o fim de fornecerem fundos á defesa nacional polaca.—(Havas).

A fuga do ouro para os Estados Unidos

NOVA YORK, 3.—As entradas de ouro de terça-feira nos Estados Unidos elevaram-se a 227.106 dolares, todo proveniente da Grã-Bretanha.—(Havas).

NAS COSTAS DO CANADA'

VOLTOU A APARECER

um submarino misterioso

TORONTO, 3.—Cinco pescadores declararam ao comandante da Policia de Halifax que viram, ontem, de manhã, um grande submarino a cerca de três milhas da costa. O submarino aproximou-se depois da terra, e os seus tripulantes, durante largo tempo, estiveram tirando fotografias, filmando varios locais e realizando sondagens, ao mesmo tempo que levantavam do fundo do mar um grosso cabo que depois de examinado deixaram outra vez cair.

Os pescadores afirmaram que os marinheiros usavam fitas compridas e bonés, identicas áquelas que são utilizadas pelos marinheiros do Reich. Terminaram dizendo que os tripulantes do submarino misterioso deixaram cair depois, por varias vezes, um aparelho de enormes dimensões ao mar e que, quando o mesmo era retirado, immediatamente os tripulantes o sujeitavam a um exame demorado.

Os cinco pescadores estavam escondidos no cimo dos rochedos da ilha de Tusket.

Em virtude da importancia das suas declarações e por já não haver duvidas de que um grande submarino desconhecido paira na costa do Canada, as autoridades de Ottawa deram instruções severas no sentido das forças maritimas, terrestres e aereas intensificarem as suas pesquisas.—(Havas).

O dr. Armindo Monteiro

conferenciou com Chamberlain

LONDRES, 3.—O embaixador de Portugal, sr. dr. Armindo Monteiro, esteve esta manhã no «Foreign Office», onde conferenciou largamente com o chefe do governo britânico, Chamberlain, e com o ministro dos Negocios Estrangeiros, Lord Halifax, sobre assuntos que interessam os dois países e se prendem com a actual situação internacional.—(United Press).

A's 17 horas

As precauções em Gibraltar

GIBRALTAR, 3.—O governador militar desta praça passou esta manhã em revista todas as forças militares que, na sua presença, realizaram diversos exercicios. Em seguida «sir» Edmund Ironside visitou, demoradamente, as fortificações recentemente construidas e os locais onde foram instalados potentes canhões de artilharia e baterias anti-aereas.

No final desta visita ouviram-se as sereias anunciar aproximação de aviões «inimigos». A-pesar de ninguém esperar, todos se dirigiram para os abrigos subterraneos, enquanto as baterias anti-aereas e as metralhadoras faziam fogo.—(U. P.).

A Romenia auxilia a Polonia

BUCARESTE, 3.—O jornal «Romania» afirma que se Hitler se apoderar do corredor polaco e de Dantzig, essa resolução levará o governo de Bucareste a colocar-se, incondicionalmente, ao lado da Polonia, com todas as suas forças.—(U. P.).

Leilão

Hoje, 3, ás 21 horas

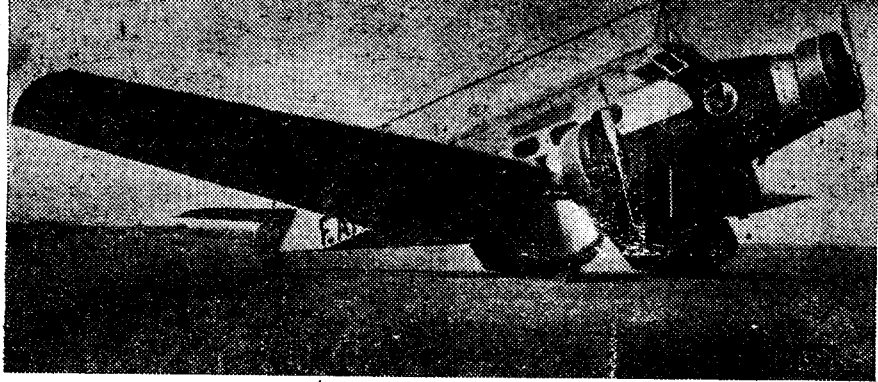
Avenida Luiz Bivar, 73, 2.º

Bom mobiliario, destacando-se casa de jantar holandesa, com 16 peças, Quartos para casal, contrapacados, Moveis desirmanados, Maples, Candeeiros, Tina esmaltada, T. S. F. Philips, Loças e Cristais.

HORAS CERTAS
Só com um bom relógio de
RELOJOARIA
AGUIA D'OURO
194 - Rua do Ouro - 194

Brandy Borges
★ ★ ★ ★ ★
TOME-O COM
AGUA GASOSA.
E' UM REFRESCO
QUE REFRESCA.

AERONAUTICA



Um dos grandes trimotores das linhas aéreas francesas que asseguram o serviço de correio e passageiros entre Toulouse e Dakar

Do nosso país

Aviação sem motor

Ao sr. tenente Quintino da Costa fica o país devendo uma grande parte do impulso que está a verificar-se na aviação sem motor. Persistente e pratico, a sua acção merece registo especial.

A viagem à Alemanha, onde tirou o «breve» de instrutor, deu-lhe os conhecimentos indispensáveis para que, da sua actividade, resultasse trabalho proficuo. E resultou.

Depois de se diplomar em avião com motor, applicou todo o interesse, a uma ideia que germinara no Aero Club de Portugal: um curso de aviação sem motor.

Conseguiu o sr. tenente Quintino da Costa, em estreita colaboração com a «Mocidade Portuguesa», da qual é comandante da Escola Central de Graduados, e com o Aero Club, organizar o novo curso, cujos resultados para propagação da aeronautica, serão incalculáveis.

No Aero Club encontrou o sr. tenente Quintino da Costa algumas dedicações, pouco vulgares, daquelas que servem de base aos grandes empreendimentos. A desportista May Norton, cujo entusiasmo acompanhamos de perto, merece também citação destacada, exemplo que devia ser seguido, para triunfo da «causa do ar».

Informações que reputamos seguras dizem-nos que o aviador Quintino da Costa foi proposto para adjunto no Conselho Nacional do Ar, do novo departamento, da Aviação sem motor. Escolha acertada, que demonstrará, sem duvida, a competência do organizador e do entusiasta.

Cursos para ajudantes de mecanico

Estão a realizar-se na Escola Pratica de Aeronautica, em Sintra, exames para ajudantes de mecanico. O juri é constituído pelos srs. tenente-coronel Anselmo de Vilardebó, capitão Costa Macedo e Humberto Pais e tenentes Homem de Figueiredo e Bettencourt.

Oficiais milicianos

Para o curso de oficiais milicianos, a funcionar em julho, na Escola Pratica de Aeronautica, existem numerosos candidatos com as condições requeridas. E' natural, nada estando ainda fixado sobre o assunto, que as admissões ultrapassem o numero fixado em 1938.

Escolas de Pilotagem

O nosso país possui oito escolas de pilotagem: três em Lisboa, uma em Arraiolos, em Tancos, em Viseu, Porto e Braga. Anuncia-se para breve a abertura de mais duas: Montemor-o-Novo e Beja.

Em outras regiões procura-se fundar novos centros para formação de pilotos. Estão naquele caso, Covilhã, Castelo Branco e Evora. Sobre a escola de Coimbra, até agora, não nos chegaram novos pormenores, mas tudo leva a crer que o entusiasmo não esmoreceu.

Todos estes esforços devem ser aproveitados. E' imprescindível que se estude um regulamento orientador e a forma de se colherem os melhores resultados.

—Foi «largado» o aluno da Escola de Aviação Civil «Salazar», sr. Sampaio Nobre.

Do estrangeiro

O criterio inglês

Os esforços da Inglaterra para conseguir a «supremacia do ar», não têm limites. Durante os ultimos seis meses a mão de obra disponível para a produção de aviões foi aumentada em 40 por cento e o recrutamento para a Royal Air Force, o maior que se registou. Pediram-se 31.000 pilotos e observadores. Aquele numero foi excedido algumas semanas antes do prazo.

Está, portanto, posto de parte o perigo, que se julgava proximo, de não existir gente para fazer face ao enorme aumento de produção de aviões militares.

O ministro do Ar inglês ao apresentar o orçamento militar, referiu-se particularmente à aviação civil.

O orçamento deste ano inclui para a Aeronautica Civil 4.700.000 libras, que servirá para fazer face a uma maior rede de carreiras comerciais e conseguir-se, ao mesmo tempo, a segurança no desenvolvimento das comunicações vitais, das quais depende a vida do imperio britânico.

ALEMANHA — A linha aerea Berlim-Viena-Belgrado foi prolongada até Iztambul, via Sofia.

AFRICA DO SUL — A força aerea da União Sul Africana mantém, presentemente, cinco «esquadras» de treino, duas de bombardeamento, uma de reconhecimento e uma de transporte de tropas. Cada «esquadra» é constituída por vinte e cinco aviões. O numero de pilotos militares ultrapassa já 2.000, encontrando-se em formação numerosos pilotos.

CANADA — Em breve inicia-se o serviço aereo transcanadiano para passageiros, num percurso de 2.688 milhas. A nova linha terá continuidade, através do Pacifico, em direcção à Nova Zelandia. Aquellas carreiras permitirão, assim, que os serviços aereos britânicos possam fornecer passageiros à volta da terra, logo que seja inaugurada a linha do Atlantico Norte.

JAPÃO — As ilhas Carolinas com mandato do Japão, vão ter uma ligação aerea com aquele país.

FRANÇA — O trafico de passageiros entre Paris e Londres aumentou nos 3 primeiros meses do corrente ano 46 por cento, em comparação com 1938.

Almoço de homenagem

Nos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses, realizou-se um almoço intimo, levado a efeito pelo corpo activo, em homenagem ao seu presidente da direcção, sr. dr. Mario Teixeira Bastos, pela passagem do seu aniversario, presidindo o homenageado, que dava a direita ao comandante sr. Raul Afonso e a esquerda ao segundo comandante sr. Francisco Lopes.

Aos brindes, usaram da palavra varios convivas. Falou em nome da direcção o sr. Frederico Jardim, e pelo corpo activo o seu comandante, que muito elogiou os serviços prestados pelo homenageado. No final, o sr. dr. Teixeira Bastos agradeceu, comovido, a todos os presentes.

COMENTARIOS

Os «tecnicos» aeronauticos

e a tarefa do reporter

Já por diversas vezes acentuámos que, em Portugal, pouca gente está habilitada a discutir, tecnicamente, assuntos aeronauticos. Mas o português é uma pessoa típica, que fala a proposito ou a despropósito de qualquer assunto. Ninguém estranha que um advogado receite mézinhos para determinada doença, como não é caso para admirar que um medico faça rapidas considerações juridicas, sobre questão em que um advogado, demoraria o seu parecer. Portanto, não bradaria aos ceus, por exemplo, que um estudante abordasse os mais transcendentes assuntos aeronauticos, falando «ex-cathedra» e possuindo como fontes de elucidacão ou de apoio, revistas estrangeiras e a amizade de algum official aviador.

Não é esse, felizmente, o nosso caso. Dedicados à aviação, ha dois ou três anos, por influencia do entusiasmo de alguns dos nossos mais distintos official aviadores, conhecendo o papel que a 5.ª arma poderá desempenhar, tanto na guerra, como na paz, julgamos um dever contribuir para o desenvolvimento aeronautico do país. Ao serviço da aviação temos empregado os nossos maiores esforços, e, como satisfação do dever cumprido, basta-nos o estímulo que sempre encontramos por parte desses official.

Em Portugal, ainda não estão bem definidas, no que respeita à Imprensa, as varias especialidades. Os tecnicos, ou por preguiça mental ou por qualquer outra razão, pouco escrevem. A tarefa da aeronautica, nos jornais, coube, portanto, a alguns reporters entusiastas, os quais, compreendendo bem a sua missão, procuram divulgar e atrair. Do seu trabalho, alguns frutos se colheram. As Escolas de Aviação Civil multiplicaram-se, e a po-

pulação, menos receiosa, verificando a utilidade da aviação, deixou-se seduzir.

O governo, por sua vez, cooperou eficazmente. Varios diplomas de protecção foram publicados e eliminaram-se algumas dificuldades, contrarias ao espirito da lei, que consistia em facilitar.

* * *

Portugal realiza, a pouco e pouco, com metodo, o seu apetrechamento aeronautico. Procura a eficiencia.

Do que nos serviria, a aquisição em massa de aviões, se a tecnica aeronautica, que progride dia a dia, nos indica que os aparelhos novos hoje, são velhos amanhã? E pilotos? E pistas?

E' pois natural que o governo, enviando missões ao estrangeiro com o fim de especialização, pense, sobretudo, em formar bases de treino, das quais nascerá o nosso Exército do Ar.

* * *

Deduções de jornalista, visto que, para treino, nos falta envergadura. Como também já acentuámos, alguns problemas nascem, quasi sempre, da convivência com aviadores. Nunca, porém, utilizámos, abusivamente, uma informação. Nem mesmo as colunas do «Diário de Lisboa» se prestavam ao facto. As tradições do jornal consistem em ser util e bem servir. E' esse o lema que temos sempre presente. Nem polemicas inuteis, nem alimentação de vaidades. Eis no que reside a nossa probidade profissional. Para a nossa modestia, basta-nos a categoria de reporter.

A. B.

Lindbergh de regresso aos Estados Unidos



Lindbergh teve uma demorada conferencia com o presidente Roosevelt, durante a qual lhe expôs o resultado dos seus estudos sobre os armamentos aereos das nações europeias. A' saída da Casa Branca, os fotografos ficaram a imagem preocupada do famoso aviador, que debesta, como se sabe, a publicidade

Material americano

A Inglaterra e a França foram os principais compradores de material aeronautico americano, no mês de fevereiro.

Uma estatística recentemente publicada pelo Departamento do Comercio, assinala que as expedições de material para a Europa naquele mês, atingiram a soma de 6.772.182 dolares. Aquella cifra marca um acrescimo de 38 % sobre o mês de Janeiro e de 31 % sobre o mês de fevereiro de 1938.

A Inglaterra ocupa o primeiro lugar na aquisição de aparelhos, com o montante de 2.064.799 dolares; a França, o segundo, com 1.962.503 e a Holanda o terceiro, com 592.484.

Carreiras transatlanticas

Se não houver complicações internacionais, a companhia de navegação aerea alemã, Lufthansa, deve efectuar este ano, quatro vãos de experiencia sobre o Atlantico Norte, para inauguração das carreiras transatlanticas. Nas experiencias serão utilizados alguns novos aparelhos quadrimotores, entre os quais o «Seefalk» que esteve, recentemente, em Lisboa.

Tambem a Air France Transatlantique deve efectuar, com aviões novos, algumas carreiras experimentais, não se encontrando, por enquanto, fixada a data do inicio.

Ambas as companhias farão escala em Lisboa e nos Açores.

Vida desportiva

JORNALISMO PURO

O que se tem dito a propósito do encontro Porto-Benfica e do «goal» da Constituição! O que se tem dito!!

Nós vimos o jogo. Dissémos o que nos competia dizer. Calámo-nos, depois, aguardando que outra competição começasse—que outras competições nos viessem preocupar...

Procedeu de igual modo a maior parte dos jornais de Lisboa e do Porto. Quis, porém, o «Norte Desportivo» fugir à regra, e, seguindo um velho hábito, martelar o assunto, com uma insistência nitidamente imparcial—imparcial a cem leguas de distância...

Num numero desse jornal, um senhor de três iniciais pedia-nos licença para um longo arrasoado, tudo—coitadinho!—para dizer mal de nós, e para nos explicar que não tínhamos visto o que realmente viramos!

Não recebemos o pedido. Se tivesse chegado ao nosso conhecimento, não consentiríamos na «resposta, não pelo que ela continha, mas pelas «tristeza» que revelava!

Tudo isso—porém—passaria sem o nosso reparo, se o brilhante jornalista e director do «Norte Desportivo», não abrisse com o artigo «O jornalismo duns tantos» o ultimo numero do seu jornal que costumamos pausadamente ler e saborear, não só pelas notícias que contém como pela forma como se apresenta—sempre com encanto, e reconhecida isenção...

Pois, Alves Teixeira «deitou» artigo riço, a propósito do jornalismo do sul e do que escreveram os jornalistas da capital (a lista podia ser aumentada com alguns do norte) que estiveram na Constituição. O artigo é bem feito, o que não admira, tratando-se duma boa pena. Um certo narcisismo de forma dá-lhe até um peculiar encanto...

Fica bem um artigo daqueles no «Norte Desportivo», que não é declaradamente do Football Club do Porto, mas que se distingue por uma imparcialidade absoluta, apreciada em toda a cidade do Porto—e também por cá...

Que se diz nesse artigo? Em síntese, que os criticos, principalmente os profissionais, não merecem que se perca um minuto com eles (má gente!), e que a Imprensa perde terreno, por causa do mercantilismo.

Tudo se afoga—no dizer do autor—na enxurrada e lodagal. Apenas se salva—como se conclui do artigo—o seu proprio autor, o nosso brilhantissimo camarada Alves Teixeira, espécime raro, portanto.

Temos pena de discordar. Concedemos ao director do «Norte Desportivo» o direito de ter uma opinião diferente da nossa. Insistimos na imparcialidade e no brilho da sua prosa, que no acostumamos a ler quando eramos correspondente em Lisboa daquele jornal, sacrificando o nosso mercantilismo, mas não podemos deixar de requerer para nós o direito igual de também termos uma opinião de desempenho a nossa missão com o unico desejo de acertar e de sermos justos, mesmo quando deçagadamos aos que não comungam nas nossas ideias e não vêm pelos nossos olhos.—T. S.

Imagem do dia

Não hesite! Vá ver esta noite, ao Tivoli, esse gracioso filme «Os filhos do juiz Hardy», comédia rutilante de riso, que retrata, flagrantemente, a vida duma familia americana.

São os seus ridiculos, os seus pretenciosismos, as suas ambições, familia tipo que corresponde, na Europa, aos «novos ricos», apurados depois da guerra. O filme tem um entrecho delicioso, vivo, alegre, esufiante de riso. Podemos considerar «Os filhos do juiz Hardy», como a melhor satira, a mais justa, que tem aparecido em cinema. Mickey Rodney é estupendo. Dir-se-ia que conduz o espectáculo, em joviais gargalhadas, ora fazendo de homem grande, ora do colegial teimoso e obstinado. Recomendamos sem reservas esta bela obra.

O cartão de despedida de Beatriz Costa

Beatriz Costa veio ontem fazer-nos as suas despedidas. Vai de abalada até ao Brasil, com uma brilhante companhia de revistas. Ela não quer que se diga o barco em que vai. Nós, bastante indiscretos, revelamos que é o «Bagé», que deve entrar por estes dias, no Tejo. Os seus admiradores terão ocasião de se despedir da famosa «vedeta», e encher-lhe o camarote de flores. Desejamos a Beatriz Costa uma triunfal «tournee», igual às outras que tem feito em terras de Santa Cruz, fazendo-se aplaudir até ao delírio. E até á volta. E que volte breve!

Atrás do reposteiro

A comédia que vai representar-se no Variedades entra em ensaios na sexta-feira, sob a direcção do professor Carlos Santos. Entre os artistas cujos nomes já publicámos, toma parte no desempenho a estreante Madalena Sotto, que anteontem, no Ginnasio, fez a sua apresentação na peça «Rosas de todo o ano».

—Por iniciativa da Adega Regional de Colares, vêm brevemente a Lisboa dois combaios com gente daquela região, assistir aos espectáculos, no Maria Vitoria, da opereta regional «Cacho Doirado».

—Na comédia «O Príncipe Herdeiro», que no sábado se estreia no Trindade, ha três papeis de velhos em torno dos quais gira toda a acção da peça e que são interpretados pelos artistas Maria Matos, Gil Ferreira e Antonio Palma.

—De 9 a 31 de agosto, a companhia Hortense Luz, percorrerá os teatros do Setúbal, Beja, Cuba, Évora, Montemor-o-Novo, Estremoz, Moura, Elvas, Portalegre, Alter-do-Chão, Crato, Niza, Castelo Branco e Covilhã.

—Na terça-feira, 9 do corrente, com a colaboração da «Embaixada da Alegria», realiza-se no Sá da Bandeira, do Porto, a festa do director-gerente daquele teatro, Mario Pedro.

—O secretario teatral Antonio Vasques trouxe de Sevilha varias peças que serão representadas entre nós por companhias da empresa Antonio de Macedo.

—A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro deve fazer a sua estreia esta semana no teatro João Cactano, no Rio de Janeiro, com a peça de Ramada Curto «Recompensa», conforme noticiámos.

—Só amanhã terminam no Variedades as re-

DEANNA DURBIN VAI-SE CASAR?



Corre com insistencia em Hollywood o boato do proximo casamento de Deanna Durbin com Paul Vahghn, director-assistente duma grande firma cinematografica, embora a mãe da jovem vedeta desminta com indignação os propósitos matrimoniais atribuidos á filha. Vemo-la aqui, num «dancing» de Hollywood, nos braços do noivo que as vozes do mundo lhe atribuem.

presentações da revista «Eh! Real!», em duas sessões e a preços populares.

—Está marcado para amanhã o ensaio geral, no Apolo, da revista «Lá vai Lisboa!», cuja estreia se anuncia para o proximo sábado, em duas sessões.

—O recital de dansas e bailados, de Francis e Ruth Walden, que no proximo mês seguem para Nova York, onde vão tomar parte em varias festas portuguesas, na Exposição Internacional, deve efectuar-se na proxima semana num dos nossos melhores teatros.

—A revista que «Artistas Associados» pretendem pôr em cena no Maria Vitoria é original de dois autores ali já representados e dum outro de ha muito consagrado neste teatro.

AVENIDA

Hoje: A's 9,45 horas

o espectáculo o que supéra todos os cartazes

A VIDA É ASSIM...

Or ginal de RUY CORREIA LEITE

Protagonista PALMIRA BASTOS

Notavel realisação dos artistas da

Companhia Teatral Portuguesa

MARIA VICTORIA

A's 9 e ás 11 horas

«ARTISTAS ASSOCIADOS»

representam

CACHO DOIRADO

Opereta-fantasia de costume populares a

PREÇOS POPULARES

VIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 4—Santa Catarina, virgem.

Levante-se, sai da igreja do Castelo para a igreja de Ordem Terceira a Jesus.

Igreja do Castelo, ás 11 e 30, missa solene, da reposição do Sacramento.

Ordem Terceira a Jesus, ás 11 e 30, missa da recepção do Lausperene, ás 17, missa de Maria.

Capela do Saudo, ás 19, novena a Nossa Senhora da Saudo, por musica.

TEATRO NACIONAL

Hoje, ás 9 e 45

Companhia Adalina-Aura Abranches

Uma representação

QUANTAS VEZES A MÃI CANTA...

3 actos de A. O'Quinn e Aura Abranches

F.M. DE FESTA

Amãhã, ás 9 e 45 — 1.ª representação

em 4 actos em 3 actos UM CASO

SERIO — Bilhetes á venda.

PROGRAMAS DE HOJE



HOJE—A's 21 e 30 Tel. 21172

A cidadela

uma super-produção de King Vidor com Robert Donat e Rosalind Russell
Audioscopicos 1839 (cinema em relevo)



GUNGA DIN

3.ª SEMANA
com Gary Grant, Victor Mc. Laglen e Douglas Fairbanks Jr.

ODEON

Doida por mus.ca

super-produção musical
com DEANNA DURBIN, Herbert Marshall, Gail Patrick e Arthur Treacher

CAPITOLIO

Melodia encantada

A porta das Estrelas
Tel. 2 7493 A's 21

TIVOLI

Os Filhos do Juiz Hardy

A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
Mickey Rooney, Lewis Stone e Cecilia Parker

POLITEAMA

A derrocada do crime

A's 21 e 30
Telef. 26305
filme policial e gangsters
com Edward Robinson

REX

O Corsário Lafite

Telef. 2 9655
A's 21
A Estrela do «Variety»

PARIS

PRIMAVERA

A's 21 horas
Casados de fresco
Documentario Jornal Metro

ROYAL

O Pioto Misterioso

Telef. 45037
A's 21
15 episodios-30 partes

EDEN

Reporters á prova de fogo

A's 21 e 30
Telef. 2 0768
um filme de Van Dyke com Clark Gable e Mirna Loy

GUNDDES

Marido contratado

A's 21 e 30
Telef. 2 2523
com o popularissimo comico Jorge Milton (Bou-bou)

L Y S

Aldeia da Roup Br nca

Telef. 48560
O Suão e a Donzela

TERRASSE

Uma francesinha em New-York

Telef. 2 9017
O Espelho da Vida

CASINO ESTORIL

Empresta-me a tua noiva

A's 21 e 30
Telef. 110
Aventuras de Marco Polo

ROYAL CINE PAREDE

Aventuras de Marco Polo

VARIEDADES

HOJE, A's 8 e 30 e 10 e 45 horas

EH! REAL!

AMANHÃ: DEFINITIVAMENTE

DESPEDIDAS DE

BEATRIZ COSTA

E ULTIMAS DE

EH! REAL!

PREÇOS POPULARÍSSIMOS

6.ª feira: Festa a favor dos Diabólicos Pobres

TRINDADE

Hoje e amanhã: A's 9,45 horas

ULTIMAS DA COMEDIA

A Fidalga de Arronches

6.ª feira: Festa a favor dos Diabólicos Pobres

Sabado 6 — A's 9,45 — Estreia de

O PRINCEPE HERDEIRO

Comedia adaptada por Maria Helena

MUSICA

Sociedade N. Musica de Camara

A ideia de promover um Festival de Musica espanhola foi interessante, e trouxe ao Salão do Sindicato N. dos Musicos um recrudescimento de concorrência e animação.

Não é preciso já fazer a apologia da musica espanhola contemporânea; e o programa, em que só figuravam nomes consagrados com obras já mais ou menos divulgadas, correspondia aos intuitos contidos na designação da Sociedade, colaborando, além de Ivone Santos, professor de piano do Conservatorio, e da cantora Maria Teresa Diniz Sampaio, os professores Luiz Barbosa, Albertina Freire, Joaquim de Carvalho, Fausto Caldeira e Filipe Lorient, que executaram o quinteto de Turina.

Ivone Santos, que não se fazia ouvir, há algum tempo, precisa de não perder contacto com o publico. Em trechos exigentes de Albeniz, Falla, Manuel Infante, mostrou-se bastante preocupada pelo respeito ás «nuances» de forte e piano, o que é muito importante, com corteza.

Maria Teresa Diniz Sampaio cantou Falla, Granados e Halffter com uma voz invulgarmente simpática, em que o brilho das notas agudas não destrói o timbre característico e expressivo dos graves. Nos acompanhamentos, o pianista Tomás Farnino mostrou progressos, e alguma coragem, para haver-se com a muito difficil parte de piano de «La niña que se va al mar», de Halffter.

O Quinteto de Turina, para piano, dois violinos, violoncelo e violoncello, deve mais á impo-nência do que á subtilidade, se bem que é tratado com o visível cuidado de aplicar convenientemente as regras da boa arquitectura,—sem influencias voluntárias ou involuntárias, nacionalistas. O 1.º e sobretudo um 2.º andamento são de um linero exasperado. Tanto pela obra como pela interpretação preferimos o 3.º andamento, deveras curiosa pela forma como *Andante* e *Scherzo* são combinados, (não se perdia nada se os vivos fossem mais vivos ainda), e o Final, também...

O embaixador de Espanha dignou-se assistir a este concerto, que foi em parte radiodifundido pelo Radio Club Português.

2.º Concerto de Kempff

As circunstancias não permitiram mais cedo a referencia no *Diário de Lisboa* ao 2.º concerto de Wilhelm Kempff, com a Orquestra Sinfonica da E. N., dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no Politeama,—como todos os concertos da Sociedade de Concertos de Lisboa.

Tivemos um duplamente maravilhoso Concerto de Mozart, (em si Maior), e o 1.º Concerto para piano, (em dó Maior, op. 15), de Beethoven, numa interpretação de primeira categoria,—apesar dum leve exagero na lentidão inicial do 2.º andamento. A orquestra, um tanto frouxa até ao Rondó do Concerto de Mozart, ali pareceu acordar, e manteve-se em todo o Concerto de Beethoven atenta não só a batuta do maestro Pedro Blanch, mas á influencia do solista, que se voltava principalmente para os instrumentistas de sopro, no evidente desejo de conseguir mais precisão de ritmo, maior equilibrio nos dialogos. Quanto ás cadências, não sei se jamais as ouvi realizar com tanta musicalidade e propriedade,—predicados estes que não costumam ser o forte das cadências; sem que o estilo dos autores fosse alterado, a fantasia exuberante de Kempff deu-nos uma sensação de improviso, de jogo brilhante mas despreocupado,—verdadeira condição das cadências segundo foram consagradas no século XVII.

Completavam o programa dois Improvisos de Schubert, muito conhecidos mas interpretados na perfeição, e o celebre «Andante Spianato» seguido da grande Polaca em mi Maior, op. 22, de Chopin. O Andante foi levado numa seriedade de sonho, com detalhes de realzação pianística que o proprio Chopin, tão difficil de contentar, aplaudiria; mas a Polaca não passou de um amontoado de barbaras difficuldades. Deve acontecer que Wilhelm Kempff consiga—por um prodigio, não digo que não,—mais alguma coisa.

Muita gente, muito entusiasmo, muitos extra-programa, dos quais se deve destacar uma «Aiaquesque» de Schumann, uma Gavote de Gluck—Brahms, e um Rondó de Mozart.

Festival Russo

Com a colaboração da Sociedade Coral de Duarte Lobo e de Orquestra Filarmonica sob a direcção do dr. Ivo Cruz, realizou-se ontem no Coliseu um Festival Russo, que atraiu muito publico e foi recebido com muito entusiasmo. Além de obras muito conhecidas, e muito queridas, como o «Capricho Espanhol» de Rimsky-Korsakoff e as «Dancas Guineiras» do «Príncipe Igor», (com coro), outras obras em 1.ª audição prometiam não decepcionar,

antes pelo contrario: a «Derrota de Sennacherib», de Moussorgsky, e os outros coros de Borodine (no mesmo «Príncipe Igor» das «Dancas») são obras de grande beleza, em que a Sociedade Coral de Duarte Lobo mostrou mais uma vez a importancia da sua existencia, e a Orquestra Filarmonica os seus progressos.

Esta noite realiza a Orquestra Filarmonica, sob a direcção do dr. Ivo Cruz, o seu annuncio do concerto Sinfonico, com a 7.ª Sinfonia de Bruckner, que há grande interesse em ouvir e outras obras, entre elas um dos «Motivos Lusitanos» de Ivo Cruz,—Nessa manhã de Novembro...

Ontem, também com larga concorrência, realizou-se no S. Luiz o ultimo concerto do ciclo consagrado pela E. N. á Evolução de Musica de Piano,—com a brilhante e intelligente colaboração de Marie Antoinette de Freitas Branco, e a Orquestra Sinfonica da E. N., dirigida por Pedro de Freitas Branco. Referir-nos-emos detalhadamente a estes concertos.

FRANCINE BENOIT

OPERA NO COLISEU

A Empresa do Coliseu está em negociações para trazer ainda este mês, para a sua casa de espectáculos, uma companhia de opera alemã que vem ali dar quatro unicas representações com as operas de Riccardo Wagner: «Tristão e Isolda» e «Walkirias». O elenco desta companhia é o seguinte: Artur Carron, famoso e jovem tenor do Metropolitan Opera, de Nova York; Erna Schlueter, das Operas de Berlim, Munich e Barcelona; Sabine Kalter: das Operas de Paris, Londres, Amsterdam, Bruxelas, Hamburgo e Berlim; Noima Gadsden, da Opera de Monte Carlo; Siegfried Tappolet, das Operas de Colonia, Metropolitan de Nova York, Barcelona, Monte Carlo, Amsterdam e outras; Emmelich, das Operas de Zurich e Viena; Duno Tendler, da Opera de Monte Carlo; e Albert Peters, das Operas de Berlim, Paris, Monte Carlo, Genebra, Barcelona, Carries, Anvers, Bruxelas; Director de Orquestra: Maestro Franz von Hoesslin, das Operas de Beyrouth, Paris, Florença, Roma, Monte Carlo, Nice, Viena e Budapeste; Régisseur: dr. Friedrich Schramm. A esta companhia seguir-se-á uma outra, de grandes cantores internacionais, que vem realizar um «Festival Mozart» a Lisboa, cantando em italiano as operas «Bodas de Figaro» (Nozze di Figaro), e D. João (Don Giovanni), daquelle genial compositor. Elenco desta companhia: Alexander Kipnis, celebre baixo, internacionalmente afamado; Margit Bokor, das Operas de Dresden, Viena, Amsterdam, Carries, Londres, Bruxelas, Paris; Annette Buin, das Operas de Berne, Basileia, Anvers e de Bruxelas; Maria Brancze, das Operas de Paris, Monte Carlo e Florença; Elie Flesch, das Operas do Munich, de Viena, de Budapeste, de Bruxelas e de Anvers; Curt Baune, das Operas de Praga, Viena, Monte-Carlo, Paris, Anvers, Bruxelas; David Lloyd, jovem tenor servaccional do Festival de Glyndebourne; John Brownde, das Operas de Paris, Nova York, Londres, Glyndebourne, Bruxelas e Anvers; Arni Lehmann, da Opera de Monte Carlo; David Franklin, das Operas de Anvers, Bruxelas e Festival Glyndebourne; Julius Guttmann, das Operas de Hamburgo, Viena, Praga, Buenos Aires e Carries; Duno Tendler, recomendado pelo maestro Kleiber; director de orquestra: Prof. Eugen Szenkar, das Operas de Paris, Madrid, Buenos Ayres, Londres e Amsterdam. Régisseur: dr. Friedrich Schramm.

E, finalmente, a seguir a esta, uma companhia de opera italiana, com o seguinte elenco: Divos: Maria Espinal, Cortis, Altube e Capri; Sopranos: Berghi, Rossini, Blanch, Pécariolo, Azevedo e Hasegawa; Meio-soprano: Natri; Tenores: Granch, Foresta Russo e Rosich; Barítones: Carbonell e Reali; Baixos: Gas e Cirino; Baixo cómico: Passerotti; Tenor comprimario: Fiorini. Maestros: Del Cupolo, Sabater e Ribas. Grande corpo de baile. Repertorio: as operas «Aida», «Rigolette», «Cavalleria Rusticana», «Pálhaços», «Bohème», «Trovador», «Carmen», «Traviata», «Barbeiro de Sevilha», «Madame Butterfly» e «Lucia de Lamermoor».

Aux Mille Parures

ESPECIALIDADE EM ENXOVAIS PARA NOIVAS
Tecidos e rendas de novidade
47 — P. Restauradores

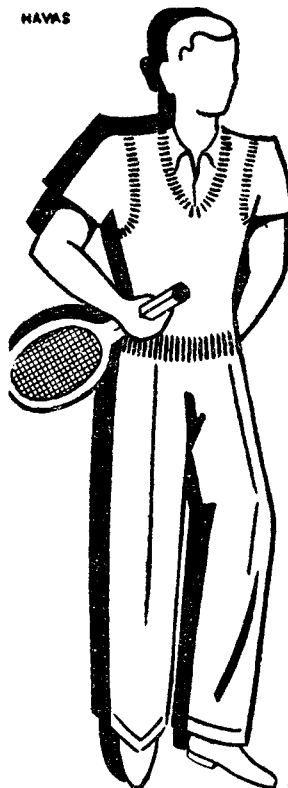
M.^{me} Evelyn

Fará muito brevemente nova passagem de modelos, incluindo toilettes para formos e praias.

Av. Elias Garcia, 67, 3.º

HAWAS

EIS



o sapato do desportista!



O desportista carece de sapatos de lona e borracha, leves, elegantes, mas com robustez suficiente para resistir ao pesado esforço que os movimentos rápidos, os saltos e as corridas exigem. Não tem que hesitar na escolha: o calçado que melhor satisfaz estes requisitos é o que tem gravada na sola a marca

CALÇADO DE LONA E BORRACHA

Sanjo

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.ªs:

Condessa de São Paio, D. Julia Simas Pereira de Melo, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz, D. Maria de Jesus Correia de Sampaio Botelho, D. Aminda Machado Rangel dos Santos, D. Julia de Oliveira e D. Lúcia Zulmira Pedrosa.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom successo a sr.ª D. Gina de Lima e Cunha de Campos Melo esposa do sr. José Maria de Campos Melo, e filha do sr. Joaquim de Lima e Cunha, chefe de Repartição na Direcção Geral das Alfandegas. Mãe e filha encontram-se bem.

CASAMENTOS

Na igreja de Nossa Senhora da Lapa, pelo reverendo Manuel Dias da Costa, abade da Foz do Douro, acolitado pelo rev. Domingos Nogueira, prior da freguesia, foi celebrado o casamento da sr.ª D. Luiza Burridge de Albuquerque Orey, gentilissima filha da sr.ª D. Lillian Burridge de Orey e do sr. José Diogo de Albuquerque Orey, com o official do exercito francês, sr. Felix Maurice Marchand, filho da sr.ª D. Cattarine de Vito Piscicelli Marchand e do sr. George Marchand, ambos já falecidos. Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Elvira Já-

ra de Albuquerque Orey e D. Julieta Pessoa de Amorim de Orey, e de padrinhos os sr.ªs Rui de Albuquerque Orey e Vasconce Albuquerque Orey.

NO CLUB BRASILEIRO

Na proxima quinta-feira realiza-se nas salas do Club Brasileiro mais uma festa, que será o ponto de reunião das senhoras da nossa primeira sociedade nas suas semanais partidas de «mah-jong» e «bridge», e que tão concorridas têm sido.

Para a de quinta-feira ficaram já marcadas muitas mesas.

NO PORTO

Organizado por uma comissão de que fazem parte as senhoras D. Helena Dumont Vilares, D. Maria Antonia de Queiroz Medeiros, D. Maria Fernanda da Mota e Castro, D. Maria Alice de Oliveira Barros, D. Luiza Dias Gaspar e D. Daisy Chambres, realiza-se na tarde de 7 do corrente, na nave central do Palacio de Cristal, um «chá dansante» promovido pela secção feminina do Sport Club do Porto.

A marcação de mesas e os pedidos de bilhetes devem fazer-se exclusivamente por intermedio de qualquer das senhoras da referida comissão organizadora, sem o que não podem ser atendidos.

Quando se casa um aviador com uma sobrinha de Mussolini

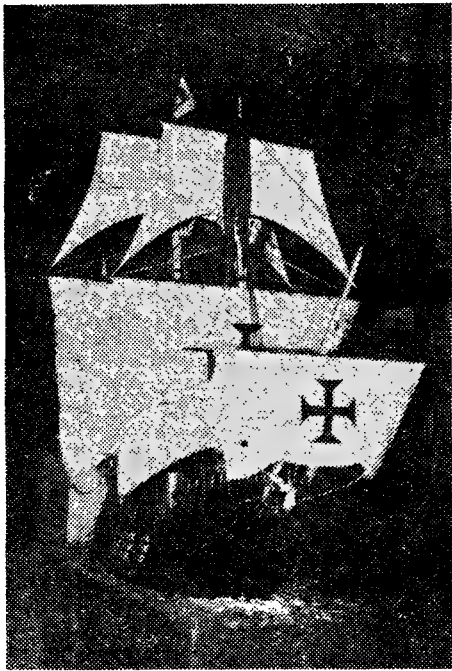


Uma sobrinha de Mussolini casou-se ha dias com um piloto aviador. O Duque apadrinhou o casamento. Vemo-lo aqui á saída da igreja, dando o braço á mãe da noiva, depois da cerimonia nupcial

O PASSADO MARINHEIRO DE PORTUGAL

O Museu de Marinha conta já milha

entre as quais figuram verdadeiras reli



Um lindo modelo de caravela do museu de Marinha

O Museu de Marinha é desde há muito uma velha e natural aspiração de quantos vêm na Armada uma das mais fortes expressões da representação nacional e um dos maiores estímulos da nacionalidade através muitos séculos de gloriosa existência.

Durante bastante tempo falou-se muito na necessidade de um Museu de Marinha mas pouco ou mesmo nada se fez no sentido pratico da sua efectivação. Alguns oficiais mais apaixonados pelo assunto iam guardando em suas casas, velhas preciosidades para oferecerem um dia a esse Museu, no qual muitos não chegaram a acreditar.

Outras pessoas pretendiam encontrar o problema resolvido quando lembravam que o interessante museu particular do sr. Henrique Seixas será um dia legado à Marinha...

Mas a ideia do Museu de Marinha encontrou o seu realizador no actual ministro sr. capitão de fragata Ortins de Bettencourt que meteu ombros ao assunto decidido a resolvê-lo.

Pouco depois de ter tomado posse da pasta—há três anos, portanto—o sr. comandante Ortins de Bettencourt confiou a um oficial de reconhecidas qualidades, não só como tecnico, mas também como historiador de Marinha—o sr. capitão de mar e guerra Quirino da Fonseca—o encargo de colligir

tudo quanto andava disperso e abandonado por aqui e por acolá e que pudesse constituir recheio para o Museu de Marinha.

Era por onde se devia começar. O comandante Quirino da Fonseca, que foi sempre um dos paladinos do Museu, entregou-se cheio de entusiasmo à tarefa, que o ministro lhe confiara e hoje, é já possível admirar, nas instalações da antiga Escola Naval, á rua do Arsenal, alguns milhares de objectos de toda a especie que constituem os fundamentos do Museu da Armada Nacional.

Esta grande obra fez-se com uma relativa rapidez e no meio de uma discrição pouco vulgar, pelo que a revelação do facto deverá constituir uma surpresa para muita gente.

Autorizado pelo sr. ministro da Marinha, o «Diário de Lisboa» foi o primeiro jornal a visitar as instalações provisórias do recheio do Museu de Marinha e cabe-lhe assim a satisfação de ser ainda o primeiro a revelar ao publico as preciosidades historicas que o mesmo encerra e que constituem largo campo para estudos e evocações da nossa gloriosa epopeia maritima.

Damos a seguir as impressões que colhemos desta primeira visita, na qual o sr. comandante Quirino da Fonseca quis ter a amabilidade de ser o nosso precioso cicerone.

O corredor dos modelos

Sobe-se a escadaria de madeira da Antiga Escola Naval e entra-se num pequeno «hall» onde estão as primeiras curiosidades historicas: a reprodução do lindo ornato da popa do desaparecido cruzador «Adamastor», que tem ali a etiqueta n.º 1; as reproduções da carranca de proa do mesmo barco em que a expressão ameaçadora do gigante parece lembrar os tempos aureos do nosso dominio nos mares e de outros ornatos do popular barco de guerra; dois ferros, um antigo e outro moderno, e uma esfera com as nossas rotas imperiais através dos oceanos.

Antes de entrarmos no grande corredor da antiga Escola Naval, admiramos ainda um grande modelo de uma antiga fragata de guerra, destinada á instrução teorica de aparelho e que escapou ao incendio da Escola, há anos. Ao lado, dentro de uma vitrina, está um belo modelo de uma das nossas lanchas bombardeiras que tomaram parte, em 1784, no famoso bombardeamento de Argel, em colaboração com armadas espanholas, napolitanas e maltesas. Escapou também ao incendio de há anos. É um modelo de grande valor historico.

Pelo chão, velhos canhões em ferro e em bronze, um do tempo de D. João V. Artilharia centenaria de carregar pela boca.

E entramos no grande corredor, que é já, por si só, um pequeno museu.

Depara-se-nos logo a famosa carranca de proa do brigue «Camões» que ardeu na carreira antes de ser lançado á agua. A cabeça do grande épico está admiravel de expressão e naturalidade. Outra carranca preciosa, a da proa da ultima nau portuguesa que se chamou «Vasco da Gama». Logo a seguir a figura do Infante de Sagres. É a reprodução da carranca de proa que figurou sobre os oceanos na corveta «Infante D. Henrique».

Em vitrinas, perfeitissimos, admiram-se depois belos modelos de antigos e modernos navios da nossa Armada: o cruzador «Rainha D. Amelia», a canhoneira «D. Luiz», e uma cutra de tipo semelhante; o cruzador «J. Gabriel» na sua primitiva forma, uma canhoneira tipo «Betra», um dos antigos torpedeiros numerados, o cruzador «Adamastor», num modelo de grandes dimensões; a antiga canhoneira-torpedeira «Tejo» e o contra-torpedeiro do mesmo nome que nasceu daquele navio depois de profundas transformações; a canhoneira «Tamega», modelo executado por um antigo calafate do Arsenal; um dos antigos submarinos, um contra-torpedeiro tipo «Douro» da nossa primeira serie de contra-torpedeiros; um modelo admiravel do belo late que foi de Charles Henry Black; alguns vapores da Companhia Nacional de Navegação e como colecção mais recente, modelos dos tipos de navios do programa naval em execução, perfeitissimos nos mais pequenos pormenores.

Pelas paredes há quadros envelhecidos pelo tempo e valorizados pela sua velhice, os ornatos de proa e popa do couraçado «Vasco da Gama», os autenticos de bronze, fotografias do que foi o mais popular dos nossos vapores de guerra antes e depois da sua transformação; a placa de honra que figurava a bordo, etc. Numa vitrina especial, está o montante do grande marinheiro que comandou a frota enviada á India.

Numa outra vitrina um pequeno modelo do hidro-avião «Lusitania» executado por um marinheiro do «Republica», exclusivamente com destroços do mesmo aparelho quando se afundou nos penedos de S. Pedro e S. Paulo. Junto, dois fragmentos rochosos dos mesmos penedos. Estas reliquias pertenciam ao almirante Muzanty, que comandava o «Republica» quando a este navio coube a honra de salvar Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Pelo falecimento do illustre official, a sua viúva ofereceu-as ao Museu de Marinha.

A pouca distancia, dentro de uma vitrina especial admiram-se modelos de todos os tipos de hidro-aviões que a nossa Aviação Naval tem utilizado.

E lá estão, também, as tampas de flutuador do «Fokker» em que Sacadura Cabral se perdeu no Mar do Norte e que deram á costa na praia de Ostende. São os únicos destroços recolhidos. Outra reliquia para o Museu de Marinha. As fotografias do «raid» aereo ao Brasil, que pertenciam á collecção de Gago Coutinho, são também preciosas.

Ainda neste grande corredor-museu podem admirar-se: a carranca de proa da corveta «Duque de Palmela», a placa em bronze que figurou na Sala da Balança com as palavras de Antonio José de Almeida alusivas ao «raid» ao Brasil, o estandarte das forças de desembarque do «Adamastor», a placa de bronze que existia a bordo daquele navio alusiva ao episodio dos «Lusitadas», um velho astrolábio, um antigo aparelho de 1774 para determinação do tempo sideral, o busto de Camões feito em Italia com algum do

bronze utilizado para a construção do «Adamastor», um curioso e perfeitissimo modelo da officina de ferraria do Arsenal, material utilizado pela Marinha em campanhas coloniais, um album monumental da construção e entrega do «Adamastor», numerosas collecções de fotografias, um modelo da Sala do Risco do Antigo Arsenal, modelos de barcos typicos de Macau, a carranca de proa do transporte á vela «Pero de Alenquer», os vinte volumes com centenas de milhar de assignaturas de portugueses entregues a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral no seu regresso do Brasil e para instalar os quais se fez uma estante especial, etc.

Algumas salas de reliquias

Percorremos depois algumas salas de reliquias. O comandante Quirino



A carranca que figurou na proa da nau «Vasco da Gama»

da Fonseca, que tem na cabeça todo o recheio do Museu, vai-nos falando agora de tudo o que se encontra por estas salas.

Na primeira, está instalado provisoriamente o gabinete do organizador do Museu. Pelas paredes há quadros do comandante Hogan, aguarelas e oleos de viagens de navios de guerra pelo mundo, bandeiras e outros trofeus. A mobília que serviu no desaparecido cruzador «Rainha D. Amelia» que mais tarde se chamou «Republica» faz parte da decoração da sala. É toda de estilo. A um dos lados, está uma outra mobília riquissima e de grande valor historico. É Luiz XV requintadamente. Foi construída com madeira da quilha da corveta «D. João I» que encalhou em Africa. Depois de abandonada, o capitão de mar e Guerra Gomes de Sousa, que se encontrava em serviço naquelas paragens, mandou aproveitar parte do madeiramento da quilha e dele fazer uma mobília lindissima. Por sua morte, legou-a ao Museu de Marinha.

Outras coisas curiosas: o grande cofre em pau santo, bronze e prata no qual se guardava a bandeira de honra do cruzador «D. Carlos I», mais tarde «Almirante Reis»; um portolano em pergaminho de 1681; palmas em bronze oferecidas á Armada por diversas entidades; taças ganhas em provas desportivas e militares; a espada do general Pereira d'Eça por este legada á Marinha; desenhos do rei D. Carlos; a bandeira oferecida pela cidade de Lisboa á Marinha após a proclamação da Republica; o original da Constituição 1911 em rica encadernação, oferecido á Armada; a loiça



A camera da rainha D. Amelia a bordo do ultimo iate real

ires de peças

uias da nossa actividade no mar

do late real; albums de viagens de navios de guerra; antigas lampadas de faróis, corças de flores e outros trofeus oferecidos a navios de guerra durante viagens ao Brasil; trabalhos de marinharia; armas gentílicas apreendidas em campanhas coloniais; máquinas para fotografia aerea, etc.

Admira-se também uma outra reliquia curiosa: o topo do portaló da antiga canhoneira «Faro» que se afundou, abalroada, na costa do Algarve e que vitimou o seu valoroso comandante Metzener.

Muito curiosa igualmente a homenagem das companhias de seguros á memória do heroico comandante Carvalho Araujo—o salvador do paquete «S. Miguel»; uma grande placa em prata com as marcas de todos os seguradores e um baixo relevo do caçaminas «Augusto de Castilho».

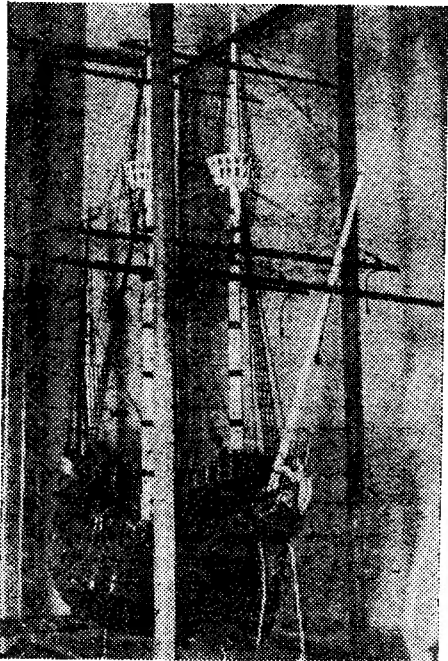
Na velha Sala do Risco por onde passaram gerações e gerações de oficiais

Estamos por ultimo na velha Sala do Risco. Por aqui passaram todos os oficiais dos nossos e muitos outros que a morte já levou. Aqui juraram bandeira centenas de aspirantes, aqui se julgaram os homens do «18 de abril», aqui fez Salazar um discurso basico da nova organização politica e economica do Estado. É uma sala historica, cujas paredes altas repercutem os ecos de grandes episodios da nossa historia politica e militar.

É aqui uma outra dependencia para arrumação das coisas do Museu de Marinha. Que ha por aqui? Seria impossível uma descriminação. Trofeus e recordações de toda a especie e de todas as epocas: bandeiras, galhardetes, faróis, lanternas e lanternins, ferros, material de serviço no convés, cintos, amarras, cadernais, aparelhagem de navegação, modelos de naus e caravelas—alguns lindissimos—velhos canhões de carregar pela boca que apertaram arrogantes pelas canhoneiras das naus de outros tempos; granadas de todas as formas, calibres e feitios; medalhas, documentos officiais de caracter historico, artilharia mais moderna, etc.

Algumas reliquias dignas de especial menção: o primeiro hidro-avião que a nossa Armada possuía, o «Santa Cruz», em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral amararam na Guanabara, uma grossa chapa de aço que as granadas do «Vasco da Gama» furaram o periscopio do «Espadarte», nosso primeiro submarino, etc.

Numa parede figura um trabalho recente e admiravel: o mapa dos faróis da nossa costa continental aos quais um aparelho electrico permite



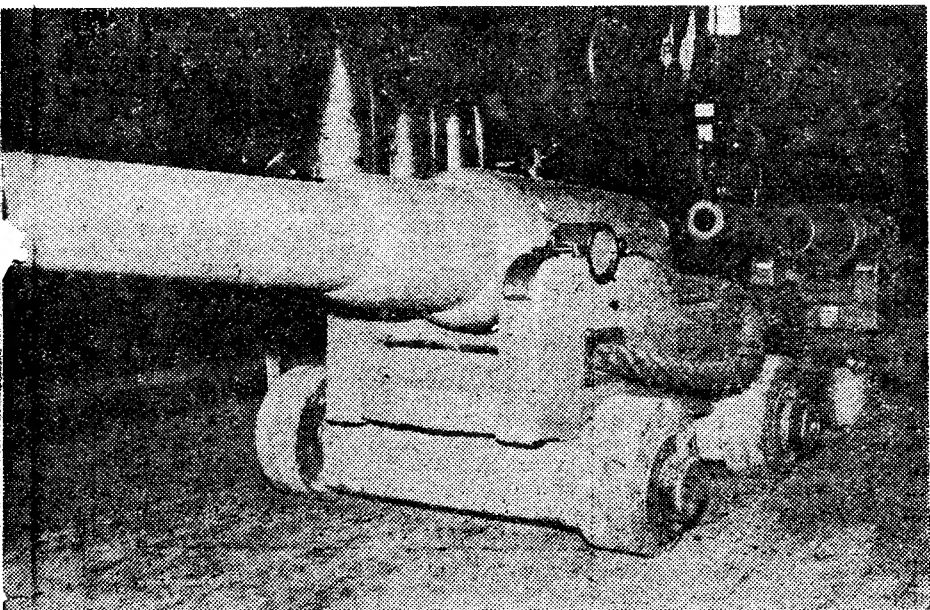
Outro modelo existente no museu

o funcionamento real, com periodos de luminosidade iguais aos autenticos faróis. Este trabalho, feito no velho Arsenal, sob a orientação do comandante Quirino da Fonseca, encerra um valor digno de especial referencia.

E, para o fim, guardamos outra reliquia de valia: a camara da rainha D. Amelia a bordo do late real que teve o seu nome, mais tarde «Cinco de Outubro» já desaparecido. Tudo está disposto como a bordo. As mobílias são as mesmas, tais como as roupas e outros objectos. Uma claraboia lindissima permite uma iluminação discreta e suave. Os aposentos reais—os ultimos que existiram num late de soberanos portugueses—mantem todo o ambiente senhoril da época e constituem um dos elementos de alto valor que constituem o recheio do futuro Museu de Marinha.

Em outras salas ha muita coisa interessante que o comandante Quirino da Fonseca e a meia duzia dos seus dedicados colaboradores vão arrumando, arquivando, colleccionando cuidadosamente.

São milhares e milhares de recordações, de trofeus, que hão-de formar dentro em breve, num edificio proprio, a verdadeira Casa da Marinha—retrato espiritual dos jovens marinheiros dos nossos dias que queiram inspirar-se nos exemplos grandiosos que essa enorme parada de reliquias lhes pode e lhes deve fornecer.



Velhos canhões de carregar pela boca

GRANDE EXPOSIÇÃO DE PRIMITIVOS

A verdadeira historia da pintura portuguesa

só se poderá fazer em 1940

A historia dos «primitivos» portugueses, embora tenha já admiraveis elementos de estudo, alguns precisos e irrefutaveis, não está ainda suficientemente esclarecida. As sombras mais espessas alternam-se com clariidades reveladoras. Ha hipoteses verosímeis que, com o andar do tempo, se confirmam por um esclarecimento indirecto, encontrado nos manuscritos da Torre do Tombo ou algures, mas ha outras, apoiadas substancialmente de inicio, que sossobram depois num oceano de factos contraditorios. Muito se tem feito, mas muito ha a fazer. Ha mesmo quem suponha que só em 1940 se poderá começar a escrever, com toda a gravidade, duma maneira positiva, a historia duma pintura em Portugal. Porquê, essa data?—

inquirirá, curioso, o leitor que se interessa por estas coisas, de arte. A razão é simples: incluiu-se nas festas dos centenarios, uma grande exposição ciclica da nossa pintura dos seculos XV e XVI, que se realiza na parte nova, afinal um verdadeiro edificio, do Museu de Arte Antiga.

Quantas obras serão expostas?

Não é possível a dois anos de distancia fixar já o numero, mas não será exagerado computá-las em três ou quatro centenas. O Museu de Arte Antiga exhibirá um importante contingente de tábuas, que nunca foram expostas, vindo também muitas que estão dispersas pelo país, em conventos, igrejas, palacios, e até do estrangeiro. De Viena, por exemplo, virá o celebre retrato de D. João I; de Greenwich, Inglaterra, o quadro das Naus, e o visconde de Monserrate, emprestará, gentilmente, um quadro de Velasco, que guarda na sua casa de Sintra.

Em fase dessa assombrosa documentação pintural poderão os criticos estudar, comparar, sistematizar os seus juizos, dando-lhes uma base solida e concreta. Muitos idolos serão «reduzidos». Não usoupou, por exemplo, Gregorio Lopes, durante tanto tempo, como brilhantemente o dr. Reinaldo dos Santos demonstrou, num recente estudo, a obra e a influencia de Francisco Henriques? Confundiram-se os dois. É possível que, nessa estupenda galeria, se consiga, afinal, identificar os trabalhos saídos da oficina do primeiro, de tão lidina formação portuguesa. Pinturas haverá que devem suscitar pontos de vista sequer tocados. Ver-se-ão séries de pintura como as da Misericórdia de Abrantes, igreja de Jesus, de Setubal, do Sardoal, dos mestres do Paraíso, de Santos-o-Novo, do altar-mór de São Francisco de Evora, e de tantos outros locais e artistas que, convenientemente tratadas e beneficiadas, na oficina de restauro, tão criteriosamente, dirigida por Mardel, constituirão uma verdadeira resurreição, não só de beleza, mas de gloria pintural. Caso curioso: nessa exposição não figuram como autores senão os nomes indiscutíveis. Tudo

quanto for duvidoso, mera hipotese ou ficção, será substituido pela palavra série, seguida da indicação local, onde essas obras têm vivido ou, foram criadas. Este sistema mais logico e racional permite diferenciar «tipos de pinturas» e englobar outros, cujas expressões plasticas têm andado dispersas.

Assim: mestres do Paraíso ou do al-



«Cristo a caminho do Calvario, (Seculo XV), que vai figurar na Exposição dos Primitivos

(Do retabulo da igreja de Jesus, de Setubal)

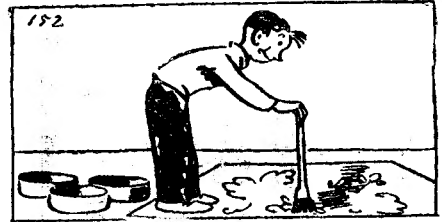
tar novo de São Francisco de Evora; série da igreja ou convento tal. Não devem ter as instituições particulares, quer religiosas, quer civis, relutancia em enviar a essa grande exposição, as obras de que são detentoras. Todas voltarão, depois de reparadas, ao seu lugar. Deve dizer-se que a exposição dos primitivos era uma ideia muito querida do dr. José de Figueiredo, que só agora se pode realizar, devido ás facilidades que o dr. Oliveira Salazar concedeu. Será editado um catalogo do certame, pensando-se ainda em fazer uma publicação com algumas das pinturas mais representativas. Devemos ainda dizer que essa importante organização artistica, que trabalha dentro da comissão dos centenarios, está confiada ao sr. dr. Reinaldo dos Santos, presidente da Academia de Belas Artes, e a directores de varios museus, entre os quais o sr. dr. João Couto, director do Museu de Arte Antiga, que terá sem duvida, um importantissimo papel. Uma ultima noticia, ao lado das tábuas de Nuno Gonçalves, será exposta uma tábua da mesma escola, o admiravel São Pedro, que o dr. João Couto adquiriu recentemente em Londres.

PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANÉCAS Em Espanha (Continuação)



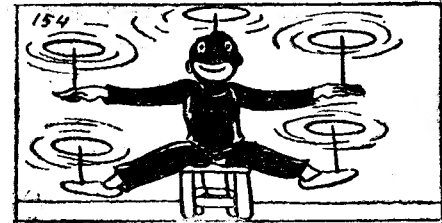
CLII—Manécas constrói um teatro, para divertir a petizada que durante três anos sofreu tanto.



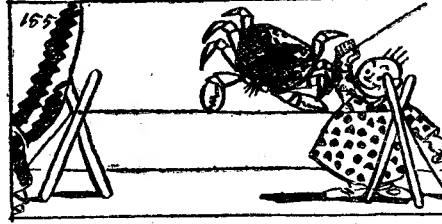
CLII—O Quim pinta os cenários, pois é um artista que não fica a dever nada ao Mergulhão.



CLIII—O Quim e o Manécas interpretam um intermedio comico, da autoria do Ben-Ali.



CLIV—Entretanto, Ben-Ali—que é um belo «jongleur»—faz o que se está vendo.



CLV—A terceira parte é preenchida com o trabalho em alta escola do carrungejo «Anda para trás»...



CLVI—E depois do espectáculo Manécas vê com satisfação que a receita foi de 4.000 pesetas.

(Continua)

Komol

Pinta os cabelos em 15 minutos

E' s/representante:

M. CABRAL

Av. Almirante Reis, 166, r/c dto.

TELEF. 4 6865

A senhora Cangurú

Quando eu menos esperava, saiu da bicha dos bichos uma senhora Canguru, com os seus meninos metidos na bolsa, a pedir-me:

—Fazes favor de me ouvir?
—Pois não! Dize o que pretendes.
—Tinha empenho, como a outra bicharia, que fôsse conhecidos os nossos hábitos estranhos.

—Começo por te perguntar como vieste dar a estas paragens. Vieste, por acaso, da Australia, aos pinotes, como é o andar costumado?

—E' verdade que damos saltos formidáveis!—respondeu-me o desajeitado bicharço, sem perder o seu sério.
—Calcula que saltamos de cada vez dois, três, quatro metros, e chegamos mesmo a dar saltos de oito metros!

Mas, da Australia, não é possível vir aos saltos! Só do Jardim Zoológico.

—Ah, tu vives no nosso Jardim dos bichos?

—Eu e os meus meninos. Foi ali que no *Diário de Lisboa* tenho lido esta Pagina Infantil. Não imaginas o interesse que tem despertado entre nós! Então, quis também que me ouvissem. Julgo necessario que os meninos desta terra saibam que lá porque somos deste feitio ridiculo, também temos muitas qualidades apreciáveis.

—Mas quem o nega, amiga Canguru?

—Os risinhos que nos perseguem, sempre que nos vêem a bolsa cheia de cangurusinhos.

—Isso é porque os acham muito engraçados, postos assim nessa janela tão patusca!

—Será! Será! Mas o certo é que somos umas mãs dedicadíssimas! E' devido ao nosso carinho maternal que os nossos filhos vingam! Bastante trabalho nos dão! Se não fôssemos nós, as mãs, que os obrigamos a beber leiteinho!... E durante oito meses andam sempre dentro da nossa algibeira. Mesmo depois de já pularem à solta, se têm medo de algum papão, vêm logo esconder-se ali! Para eles, é como se fôsse o berço onde se criaram!

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo. 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff. 3 h.
Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso. 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar. 5 h.
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães. 12 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos. 2 h.
Garg. nariz, ouvidos—Dr. F. Calheiros. 3 e 30. h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo. 4 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes. 5 e 30.
Doenças sr.ªs operações—Dr. O. Afonso. 2 h.
Boca, dentes, prótese—Dr. A. Lima. 12 h.
 Raios X—Dr. Aleu Saldanha. 6 h.

ANALISES CLINICAS

CAPRISTANO & FERREIRA, L.ª

BOMBARRAL

Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa-Caldas da Rainha-Leiria	7,00 — 12,30 — 16,30
Lisboa-Bombarral-Peniche	7,30 — 14,30 — 17,30
Lisboa-Nazaré-Alcobaça	8,30 — 14,30 — 19,45
Lisboa-Nazaré	17,30
Lisboa-Lourinhã-Bombarral	18,30
Nazaré-Lisboa	6,30
Peniche-Bombarral-Lisboa	6,55 — 8,10 — 10,50
Leiria-Caldas da Rainha-Lisboa	14,35 — 15,20
Alcobaça-Nazaré-Lisboa	7,50 — 15,00 — 19,00
Bombarral-Lourinhã-Lisboa	7,35 — 10,05 — 14,35
Peniche-Torres Vedras-Lisboa	7,50
Peniche-Caldas da Rainha-Santarem	8,45 — 16,00
Caldas da Rainha-Peniche	8,10 — 10,50 — 15,20
Torres Vedras-Peniche	6,55 — 19,50
Santarem-Caldas da Rainha-Peniche	9,25 — 21,55
Santarem-Rio Maior-Nazaré	11,20 — 19,50
Nazaré-Rio Maior-Santarem	9,15 — 13,50 — 18,00
Rio Maior-Santarem	8,40 — 19,30
Santarem-Rio Maior	7,20 — 15,45
Leiria-Caldas da Rainha-Azambuja	6,50
Azambuja-Caldas da Rainha-Leiria	21,00
Leiria-Caldas da Rainha-Azambuja	8,55 — 15,55
Azambuja-Caldas da Rainha-Leiria	7,45 — 20,05

Partidas de Lisboa para o Porto 7.00 Partidas do Porto para Lisboa 7.40

FILIAL EM LISBOA — Largo de S. Domingos, 11-A — Telefone 2 3100

Duas famílias inimigas

(imitação)

Em casas pegadas, separadas apenas pelo muro que dividia os jardins, viviam duas famílias que um odio antigo tornara inimigas.

Cada chefe daquelas famílias herdara a inimizade ao vizinho do lado, herança que iam transmitindo de pais para filhos, sem que os ultimos soubessem sequer a razão ou a origem de tão grave questão. O que é certo é que os proprietarios actuais daquelas casas sentiam um pelo outro um rancôr tal que chegava á pratica de accões mais infantis e ridiculas.

No quintal da familia Rabanete, mesmo encostado ao muro, nascera e se criara um magnifico castanheiro, cujas pernas altas e frondosas chegavam ao quintal da familia Linguica, que se deliciava nas tardes frescas de verão, com a sombra amiga da arvore do inimigo. E isto desesperava o sr. Rabanete. Uma tarde, o filhito mais novo do sr. Linguica, veio a correr dizer ao pai, muito em segredo, que num tronco do castanheiro havia um ninho de pintasilgos que já tinha oito ovos.

Satisfeitissimos com a descoberta, e mais contentes ainda com a ideia de fazerem uma partida ao vizinho, levantaram-se ainda o sol não tinha nascido, agarraram numa escada, e prepararam-se para ir roubar o ninho. Quando o sr. Linguica chegou acima da arvore, viu, com grande espanto, na sua frente, o sr. Rabanete, que, sabedor da existencia dos passarinhos, pensou fazer o mesmo.

Travou-se grande discussão sobre os direitos de cada um. Ambos se intitulavam proprietarios do ninho. O primeiro porque a arvore estava plantada no seu quintal e que, portanto, o dono era ele. O outro, porque o ninho se encontrava num dos troncos que entrara no seu quintal, e, portanto, os ovos eram dele.

De tal maneira se azedou o caso, que foram queixar-se os dois ás autoridades, dando em resultado ir parar tudo ao tribunal. Marcou-se o dia do julgamento, e a sala da audiencia encheu-se de curiosos.

O juiz, homem sensato e ponderado, depois de ouvir o sr. Linguica e o sr. Rabanete, e ter tentado uma reconciliação, que eles rejeitaram, indignados, resolveu dar razão aos dois e dividiu igualmente e com justiça o ninho dos pintasilgos. Por isso sentenciou que, em virtude dos ovos serem oito, ficaria cada um com quatro, e assim punha ponto final no conflito.

Correram os dois vizinhos apressadamente ao ninho, mas esperava-os uma surpresa... Estava vazio!

A questão, a queixa, o julgamento, a sentença, tinham demorado o bastante para dos ovos nascerem passaritos, e aos passaritos nasceram as penas para poderem voar. E assim, tinham ido com os pais através das nuvens branquinhas e fugindo á maldade dos homens! Só então o sr. Linguica e o sr. Rabanete compreenderam o disparate daquele odio injustificado, e caíram nos braços um do outro. Daí em diante não houve familias mais amigas. Mandaram deitar abaixo o muro que separava os dois quintais, e á sombra do castanheiro se deliciavam as familias Linguica e Rabanete, nas tardes frescas de verão...

M. C. P.

ESTORIL

Casa vende-se

A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garage, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chafet Maria Manoela. Tel. 203. Também informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.

Tapeles Portugueses

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais—Arte e Ménage—Alecim, 71, 1.º—Telefone 2 0711.

A «ALDEIA MAIS PORTUGUESA»

A EMBAIXADA MONSANTINA EM LISBOA

A empolgante manifestação de civismo proporcionada pelo Governo de Salazar através do prestimoso Secretariado de Propaganda Nacional no concurso da «Aldeia mais portuguesa», já objecto das minhas anteriores considerações, foi um brado de emoção em todo o país, já mais esquecido, que faria ajoelhar as gerações passadas, se ressuscitasse, com as que passam ante este importante empreendimento espiritual, emboando um hino de extrema gratidão a quem, com tanta elevação, sabe conduzir o povo lusitano por caminho tão resplandecido de patriotismo para exemplificação das gerações que hão-de passar.

Foi neste ritmo de entusiasmo que Lisboa, na sua fidalga hospitalidade tradicional às representações provincianas, se sentiu imantada com mais emocionante fervor ao abrir seus braços à embaixada da aldeia mais portuguesa, quando esta veio buscar o «Galo de Prata» conferido como prémio da justa distinção no patriótico concurso.

Lisboa, durante a permanência da embaixada Monsanto em seu seio, da qual fazia parte um grupo folclórico, sentiu vibrar através das canções beira-baixenses, reatadamente portuguesas, a alma nacional inveterada no sentimento de um povo de gloriosas gerações que resistiram com gallardia e souberam vencer as hostes sarracenas.

Foram festivas as recepções nos vários departamentos visitados pelos Monsanto, quer nos do Governo, quer nos de carácter particular, como a Imprensa, a Casa das Beiras, etc., dando em todos a nota brilhante dos seus cantos e bailes regionalistas.

* * *

Com efeito, o laudável e edificante objectivo do Secretariado de Propaganda Nacional era imprimir um cunho genuinamente português à solenidade da entrega do argenteo galo à comissão do povo histórico da circunvizinhança egitanense, que foi confirmado pela bem organizada recitação de gala no Teatro Nacional, com o vasto e agradável programa do cânoneiro popular de Monsanto.

Fôram cinco tão interessantes quanto pitorescos quadros com vinte e um atraentes números, qual destes o mais aplaudido, merecendo, no entanto, menção especial, por terem sido bisados, a «Canção de Santa Cruz», o «Ai taipum, biribi-biribum» e a «Canção do Berço» pela sua originalidade e relevo com que foi interpretada por Conceição de Jesus em soprano, à semelhança de qualquer admirada cantora que tenha pisado o proscênio do teatro Almeida Garrett, como se estivesse embalando o menino à esquina duma das sombrias ruas barroquinas de Monsanto. Honrou esta festa a presença dos srs. Presidentes da República e do Conselho, bastante ovacionados, além de terem comparecido outros membros do Governo e um público de eleição.

Após o eloquente discurso do sr. Antonio Ferro, procedeu-se à distribuição dos prémios literários aos distintos escritores e à entrega do «Galo de Prata» a Maria Rita Soares, linda rapariga do grupo folclórico, a quem poderemos chamar «Miss Monsanto», que ficou envaldeada, como é natural, por ter sido abraçada pelo sr. Presidente da República, na ocasião de receber o prémio conferido à sua terra, e por lhe ter dado um apêto de mão o sr. dr. Salazar, na mesma altura.

No dia seguinte, o mesmo rancho, composto de umas cem figuras de amolhos os sexos, entre as quais um interessante grupo de moçoilas de garganta afinada como quaisquer cantoras de elenco teatral, umas de tez morena arabiana e outras de faces rosadas como romãs, atractivos bastantes para desenharem dos escarlates «batons» e dos estonteantes quando não inspidos perfumes das «habitués des promenades» da Baixa — foi exhibir ao Jardim Zoologico o agradável repertório dos seus cantos, bailes e jogos, proporcionando a numerosa assistência uma tarde bem passada.

Durante este divertimento não me passou despercebida a manifesta animação de uma sexagenária por não



MARIA RITA SOARES

uma linda rapariga do grupo folclórico de Monsanto

quebrar o ritmo do som vibrante do adufe, que tocava com a mesma energia das trinta primaveras, bailando e cantando ao mesmo tempo.

E, assim, dada a minha natural curiosidade de aldeão, estabeleci com ela o agradável e seguinte diálogo:

— Como se chama?
— Maria do Rosario Taborda...
— Quantos anos tem?
— Já tenho 64...
— Gostou de vir a Lisboa?
— Gostei, sim, é a primeira vez que cá vim...

— Não se cansa em tocar constantemente o adufe, cantando e bailando ao mesmo tempo?

— Nada não, estou acostumada a isso desde pequena; quando vou às romarias e aos «balhos» sou a mesma coisa... As cachopas de Proença não são como eu?

— Realmente as raparigas da minha terra são bastante divertidas, mas mulheres tão resistentes e boas tocadoras de adufe como a tia Maria nunca lá vi. Leva saudades de Lisboa?

— Levo sim, mas o que mais me arreliou foi não ter sido abraçada pelo sr. Presidente da República e pelo dr. Salazar, como foi a Maria Rita Soares, esperando abraça-los quando fôrem à minha terra...

— Tem vontade de lá ver os srs. Presidente da República e dr. Salazar?

— Tenho, sim... Vou fazer uma promessa à Nossa Senhora da Azenha para lá irem este ano, à festa de Santa Cruz... Então é que a pele do meu adufe não resiste a tanto tocar...

— Finalmente, tia Maria, toda a gente do rancho está satisfeita em ter vindo a Lisboa?

— Então não «ande» estar...

Terminada esta amena conversação, depreendi da rudez das frases sinceras da Maria do Rosario Taborda a interpretação do sentir de todos os

componentes do rancho, dada a animação geral.

* * *

Posto isto, entre as impressionantes passagens do grupo folclórico Monsanto em Lisboa, destacou-se a emocionante entoação do «Bendito Louvado», após a celebração da missa do digno reverendo Ribeiro, prior de Monsanto, na igreja da Encarnação, o qual, como exemplar pastor, acompanhou os seus paróquianos à capital. Foi tão religiosamente ouvido e apreciado este cântico sacro que a igreja estava repleta de fiéis.

Realmente, a vinda da embaixada Monsanto a Lisboa foi um acontecimento que ficará em páginas de ouro nos anais da história da Beira-Baixa. E tanto assim o entenderam o digno governador civil sr. Antonio Maria Pinto Castelo Branco, que lhe deu o maior relevo, acompanhando-a na qualidade de chefe do distrito. Também das principais figuras representativas da «Aldeia mais portuguesa», incorporaram-se na mesma embaixada os srs. drs. Trindade e Castiço, bem como um dos membros da Junta de Freguesia e outras pessoas gradadas do meio, impulsores da organização do grupo folclórico, especialmente o sr. Sales Viana, figura muito conhecida entre nós pelos seus méritos.

Finalmente, segunda-feira, lá seguiu satisfeito o grupo Monsanto para a sua terra natal, cantando a «Marselada» ao partir do comboio, e dando graças a Deus por haver um Governo que lhe deu tão notável honra na justa apreciação das suas genuínas qualidades lusitanas e um sentido «bem haja» a Carmona e Salazar!...

* * *

Chegado a esta altura das minhas despretençosas considerações, animame a esperança de que o Governo proporcionará, à povoação mais portuguesa de Portugal, o complemento do justo galardão: a assistência condigna da sua personalidade histórica; boas vias de comunicação e saneamento, à semelhança de tantas outras localidades do país bem mais felizes em melhoramentos; considerará o castelo monumento nacional, para o que se impõe a imediata restauração como reliquia de longínquas eras gloriosas e santificadas.

Como vai ser um facto o formidável acontecimento da comemoração do duplo centenário, cujos valores históricos não se limitam aos da capital do Império, certamente deve ter surgido no espírito do ilustre presidente da nossa Junta provincial, também membro da comissão do duplo centenário, a conveniência de serem englobados o castelo de Monsanto e as ruínas da sede da antiga Egitanha (Idanha-a-Velha) como pontos importantes do programa turístico dessas festas nacionais.

Antes, porém, impõe-se a visita do activo e competente ministro das Obras Publicas a estas localidades, para no seu esclarecido espírito se avivar cada vez mais a solução imediata das necessidades desta parcela glorificadora do território de Portugal.

ANTONIO MARIA DA ROCHA

CASINO ESTORIL

Cinema às 21 e 30 horas

PROGRAMA DA SEMANA

3.ª feira, 2.ª: «Um escândalo em Budapest» com Franziska Gaal.

PARAMOUNT

4.ª feira, 3.ª: «Empresta-me a tua noiva», com Larquey Pierre Brasseur. De tarde: Shirley, a rainha da alegria.

5.ª feira, 4.ª: «Primavera», com Jeanette MacDonald, Nelson Eddy e John Barrimore.

FOX

6.ª feira, 5.ª: «Maria Waleska», com Greta Garbo e Charles Boyer.

Sabado, 6.ª: «Sonho duma noite de verão».

Domingo, 7.ª: «A canção dos ciganos», com Jane Winters. De tarde: Charlie Chan na Califórnia e «Amigos do perigo».

AOS SABADOS: Concerto às 16 e 30 pelo QUINTETO PAULO MANSO.

ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ

TAMARIZ

ESTORIL

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Aprazível recinto com divertimentos para crianças

Se o seu cabelo cai use

Silvikrine

Alimento natural do cabelo

Evita e suspende a queda do cabelo e estimula-lhe o crescimento. Conserva a saúde do couro cabeludo. Extrema a caspa dum dia para o outro.

Ponha hoje mesmo um frasco de Silvikrine no seu toucador.



A Silvikrine descoberta pelo célebre biólogo Dr. Weidner, alimenta eficazmente os tecidos geradores do couro cabeludo, ministrando-lhes, do exterior, os elementos constitutivos do cabelo. Deste modo, provoca um novo crescimento de cabelos sãos.

Loção Silvikrine Esc. 12\$00

Cuide do couro cabeludo, e ele cuidará do seu cabelo. O seu couro cabeludo precisa de Silvikrine.

Silvikrine

fertiliza o couro cabeludo

A venda em todos os bons estabelecimentos

Representantes em Portugal

Laboratórios Silvikrine

Campo 25 de Maio - LISBOA

PO-404-X

«Mademoiselle Paris»



«Mademoiselle Paris 1939», de seu nome Sonia Messis, é uma jovem bailarina da Opera Comica, a quem foi conferida ha um mês a coroa de «rainha». A comissão que a elegeu pretende, porém, destroná-la, com o fundamento de que ela se recusa a assinar um contrato que aceitou em principio. A encantadora «soberana» corre, assim, o risco de não ir á Exposição de Nova York, conforme lhe fôra prometido

Só uma cera de flôres



dará
uma tal
beleza
de Tex

Se residisse na região do sul da França, onde são fabricados os perfumes, conheceria já as maravilhosas propriedades de embranquecer e embelezar a pele, possuídas por uma cera virgem que a Natureza colocou na corola das flores. Extraída e refinada, esta delicada substância untuosa, chamada Cire Aseptine, age sobre o rosto com uma estranha magia. Aplicada à noite, antes do deitar, a Cire Aseptine amolece a camada externa dura e rugosa da sua pele e fá-la destacar-se em pequenas partículas. De manhã, revela-se a nova beleza duma pele branca e fresca insuspeita até então. Os poros dilatados, pontos negros, sardas e tôdas as imperfeições do rosto desapareceram. Dever-se-á também empregá-la no pescoço, nos ombros, nos braços e nas mãos, a fim de não contrastarem muito com a brancura e a beleza juvenil do seu rosto. Simples, prática e pouco untuosa.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine—88, Rua d'Assunção, LISBOA—que atende na volta do correio.

CASINO ESTORIL

Aos sábados: Jantar à Americana
Preço: Esc. 20\$00
Nos restantes dias: Jantar dançante
Preço: 12\$50

Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sábados e domingos
Comboio, (2.ª cl. ida e volta) e Jantar ou
Cena, Esc. 16\$, incluindo taxas, serviço,
autocarro da Estação ao Casino e entrada.
TODOS OS DIAS: comboio, (2.ª cl. ida e
volta), autocarro da Estação ao Casino, en-
trada e um vale de Esc. 2\$50 para consu-
mo no Restaurante e Bars do Casino Esc.
12\$50.

A venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Aos sábados: Concerto às 16 e 30 horas
pelo **QUINTETO PAULO MANO**
Todos os dias: de tarde chá dançante
excepto sábados e a noite baile e cinema
Orquestra Almeida Cruz.



Menino

Pedro Filipe de Jesus Cambournac
FALECEU

Maria de Jesus Cambournac, Pedro Carrasqueiro Cambournac e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido filho e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 4, pelas 11 horas, da Quinta do Papel-Cacem para o cemitério de Belas.

UM TEMA OPORTUNO

Existe uma "opinião" colonial?

Existe uma mentalidade, uma opinião colonial?!
Não é ousado afirmar que não existe.

Excepto Lisboa e Porto, e aqui mesmo, apenas um numero muito limitado de pessoas que se interessa pelo que se passa pelas colonias.

Além de algumas manifestações com a chancela oficial e outras patrocinadas pela Sociedade de Geografia, nada mais se nota digno de referências especiais.

Da iniciativa particular apenas observo mais actividade no campo literário, sob o ponto de vista colonial. Ultimamente, têm aparecido varias publicações com modalidades literariamente diferentes, mas num país onde pouco se lê, ou se lê, o que literariamente pouco vale, é de crer que os seus autores não procurem fazer carreira por este caminho, e nalguns casos melhor é que assim suceda.

Sim, porque se a Rosita, da recente Exposição Colonial do Porto, foi para muitos, segundo me dizem, o seu principal atractivo, não vá ela, por mal dos nossos pecados, dar ainda por cima alento a uma literatura pouco prestigiosa e irreal.

Pousard, no seu livro *Portugal Ignorado*, no inquerito que fez da vida portuguesa, admirou-se bastante do nosso desenvolvimento associativo.

Contraste profundo e incoerência manifesta, quando se observa que não existe entre nós a mais pequena amostra duma associação, agrupamento ou qualquer coisa semelhante, de iniciativa particular, destinada a prestar auxilio, não só aos seus associados, mas a auxiliar também o Estado com os seus conhecimentos, estudos e experiencia em materia de administração colonial.

Existe de facto um *Centro Colonial* mas com um numero muito limitado e restrito de socios, firmas agricolas e comerciais de S. Tomé e Angola, com características comerciais acen-tuadas e por consequencia fora da questão.

Quere-me parecer que um organismo associativo acentuadamente colonial, guiado somente pelo sentimento patriótico de prestar serviços ao Império, viria preencher uma lacuna, que infelizmente constatamos existir.

E' muito possível que eu esteja desenvolvendo uma utopia, e as lições recebidas no passado não são de molde a encorajar qualquer tentativa no mesmo genero, mas a intenção é boa e viavel, partindo do principio de que o elemento oficial estaria disposto a auxiliar tal empreendimento e a servir-se dele, quando no seu proprio interesse.

Em 1911, quando fui eleito deputado independente por Moçambique, era o unico deputado com residência efectiva nas colonias e passei a ser conhecido pelo *colonial*, na Camara dos Deputados. Não direi que tal designação tivesse fins depreciativos, mas com certeza para muitos colegas eu era deputado, como quem diz, *moeda fraca*.

Esqueciam-se, porém, de que eu tinha sido eleito a valer em opposição ao candidato proposto pelo Directorio do Partido Republicano.

Ainda apresentei varios projectos de lei, mas como estava, como deputado independente, sentado na direita da Camara, nem um unico projecto passou por opposição da maioria, pertencente á esquerda.

Mudei de tactica. Auxiliado por Freire de Andrade, amigo, camarada e colega do então ministro das Colonias Cerveira de Albuquerque, os projectos da minha autoria passaram a ser apresentados pelo ministro e aprovados pela maioria, e assim consegui, entre outros: criando as edilidades, as

escolas de artes e officios, a unificação das pautas aduaneiras, etc., para a colonia de Moçambique.

Na comissão de Colonias de que eu fazia parte como vogal, dava-se este curioso facto: quando um projecto baixava á comissão para parecer, o que interessava, com poucas excepções, aos seus membros, era saber por quem era apresentado o projecto. Se vinha da direita, era combatido pela esquerda ou apresentado por esta, combatido pela direita. Do projecto em si, pouco ou nada se preocupavam.

Desta estranha attitude apenas três se destacavam: Ramada Curto, que, sempre *blagueur*, justificava a sua existencia na comissão de Colonias por ter tido um tio, o conselheiro Ramada Curto, governador geral em Angola, e Prazeres da Costa, deputado pela India e o autor destas linhas.

Quando, em palestra, em Vidago, com Teixeira de Sousa, lhe comunicava as minhas desilusões parlamentares, o velho e sabido politico aconselhava-me a leitura da *Queda de um Anjo*, de C. Castelo Branco.

Lembro-me também de um queixume que lhe ouvi, e bem justificado. Fora Teixeira de Sousa que dera um vigoroso impulso á construção do porto de Lourenço Marques, que hoje rivaliza com os melhores do mundo no seu funcionamento, e por esse motivo fora dado o seu nome a uma avenida paralela ao cais. Pois passado pouco tempo era retirado o nome e substituído por outro.

Por já ter morrido, passo em claro o nome do autor desta ingratitude, então presidente da Camara de Lourenço Marques.

Na verdade, formar uma opinião colonial consciente não é empresa facil, dado o grande desconhecimento existente sobre as coisas do Ultramar português.

Pode-se atribuir, por exemplo, á pouca cultura das nossas populações rurais, a já conhecida expressão: que a Africa é terra de degredados, mas o que se poderá dizer dum semanario ilustrado, que diz textualmente o seguinte: «A ultima moda em Lourenço Marques». — Do Lourenço Marques *Guardian* transcrevemos a nota mundana que abaixo publicamos e que ali saiu no dia 5 de janeiro, para que os nossos leitores possam ver como são diferentes os usos e costumes nos actos solenes praticados naquelas paragens de sol ardente. Podemos garantir que não se trata de gente exótica ou de indigenas semi-selvagens, antes de pessoas do «*high-life*» da capital de Moçambique. Segue a noticia, que é realmente engraçada.

O que dizia, porém, o «*Guardian*»? Descrevia as toilettes das senhoras como fazem os jornais do mundo inteiro nas suas crónicas elegantes. Os vestidos eram iguais aos que se usam na Europa em cerimoniaes semelhantes, seda, georgette, ou tule, etc.

De «capulana» ou de «tanga», de peles e zagaia é que ninguém ia, como esperava o articulista do semanario.

Mas ha mais amostras desta ignorancia.

AUGUSTO CABRAL

Bombeiros Voluntarios de Queluz

QUELUZ, 3.—A corporação dos Bombeiros Voluntarios de Queluz adquiriu um automovel que vai mandar transformar em auto-ambulancia. Os donativos, angariados entre a população, renderam a importancia de 2.946\$00. A mesma corporação adquiriu um esplendido campo para manobras, onde fez construir um prédio-esqueleto, a fim do seu corpo de bombeiros receber instrução.

Serão abertas brevemente as aulas de enfermagem e de maqueiros, para instrução de todos os voluntarios.

Foto Central R. da Palma, 37 — Lisboa

Venda de máquinas fotográficas e seus acessórios.

Galeria artistica

Perfeição nos trabalhos para amadores

“Sociedade Portuguesa de Comercio de Transito, Ltd.”

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 26 de Abril de 1939, lavrada nas notas do notario desta Comarca, Dr. Mario Rodrigues, foi constituída entre «Transit Trade Company, Limited» e Vasco de Quevedo Pessanha, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual se ha de reger pelas disposições contidas nos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «SOCI-DADE PORTUGUESA DE COMERCIO DE TRANSITO, LIMITADA», a sua sede é em Lisboa e os seus escritorios vão ser, provisoriamente, na Rua Rodrigo da Fonseca, numero vinte e três.

SEGUNDO

A sociedade tem o seu inicio na data de hoje e a sua duração é por tempo indeterminado, mas só começará o exercicio do comercio a que se destina, depois de haver sido deliberado em Assembleia Geral dos socios.

TERCEIRO

O objecto social é a exploração do comercio internacional e a administração de bens.

QUARTO

O capital social é de cinquenta mil escudos, está integralmente realizado a dinheiro, e fica dividido em duas quotas: uma de quarenta e cinco mil escudos pertencente á «Transit Trade Company Limited» e uma de cinco mil escudos pertencente a Vasco de Quevedo Pessanha.

Paragrafo unico—Não são exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos socios poderá fazer á sociedade os supprimentos de que ela carecer para o desenvolvimento dos seus negocios.

QUINTO

Ambos os socios são gerentes com dispensa de caução e sem retribuição.

A gerencia por parte da Transit Trade Company, Limited, será exercida pelos respectivos administradores, seus delegados ou por qualquer mandatario legalmente constituído.

SEXTO

A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, á qual é reservado o direito de preferencia ou de amortização.

SETIMO

A sociedade dissolve-se nos casos expressamente designados na lei e ainda por deliberação da Transit Trade Company, Limited, seja qual for a importancia da sua quota social.

Verificada a morte ou interdição do socio Quevedo, a sociedade poderá, querendo, amortizar a respectiva quota, dentro dos noventa dias imediatos á data do falecimento ou da sentença que decretar a interdição.

OITAVO

O ano social é o ano civil.

O balanço e as contas de cada exercicio deverão ser encerrados e submetidos á aprovação da Assembleia Geral dos socios até o dia trinta de Março de cada ano.

Os lucros líquidos, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal até atingir dez vezes o capital social e sempre que se torne necessario reintegrá-lo e dez por cento para fundo especial de amortização de quotas até atingir importancia igual á do capital estatuario serão divididos pelos socios na proporção das suas quotas.

NONO

A amortização de quotas terá lugar nos casos previstos nos artigos sexto e setimo destes estatutos e bem assim quando qualquer quota for penhorada, arrestada ou por qualquer modo sujeita a arrematação judicial e ainda quando qualquer socio promover a imposição de selos e o arrolamento dos haveres sociais.

Paragrafo unico—A amortização será em todos os casos efectuada pelo valor nominal da quota e a respectiva importancia paga ou depositada, como no caso couber, dentro dos cinco dias seguintes á respectiva deliberação. O direito de preferencia reconhecido á sociedade nos termos do artigo sexto exercer-se-á também pelo valor nominal.

DECIMO

As Assembleias Gerais, exceptuados os casos em que a lei o não permita, poderão ser convocadas mediante simples cartas, expedidas pelo menos oito dias antes daquele em que a reunião deva ter lugar, mencionando-se nelas expressamente o respectivo fim.

Lisboa, 28 de Abril de 1939.—O ajudante do notario dr. Mario Rodrigues, Luiz de Sousa Rebelo.

Leiam o

sempre
fixe